O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.

Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 7 DE NOVEMBRO DE 1909 | Nº 1:333

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.

Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Sob o emphatico titulo de *nojo*, lia-se na outra sexta-feira no *Cornetim da Margarida*:

Ha muito tempo que a derreada reportagem do "Diario de Noticias„ não liga tanta importancia a qualquer caso, como ao de Cascaes. E raras vezes se teem empregado n'aquelle jornal titulos tão grandes e espaventosos. Parecem um cartaz. Tudo porque se diz que recahem suspeitas em homens que estavam filiados em centros republicanos.

Faz nojo.

Faz nojo! Isto lê-se e quasi que não se acredita!

No domingo, e sob o titulo *desculpas*, voltava a Corneta, o Cornetim, a Trombeta, porta-voz da prostituição, porta-voz da infamia, a escrever:

Hypocritamente, dizia hontem, sobre o crime de Cascaes, o incolor, a justificar-se:

O justificado interesse que tem despertado no publico o mysterioso crime, perpetrado, segundo parece, no sitio da Mexilhoeira, na estrada que de Cascaes segue para a Bocca do Inferno e Pharol da Guia, faz com que, no desempenho da nossa missão de minuciosamente informar o publico, como tem succedido em circumstancias analogas, não abandonemos este caso, emquanto obtivermos elementos d'informação que satisfaçam a curiosidade dos leitores.

Temos sido sempre cuidadosos nas investigações a que temos procedido em redor d'este sensacional acontecimento, como em geral procuramos sê-lo na reportagem de todos os acontecimentos e especialmente quando se trata de crimes sobre os quaes, como succede com este, não se tenha feito ainda luz clara, nem achado provas concludentes.

E' esta a missão do *reporter* em toda a parte do mundo onde ha imprensa, e, no desempenho d'essa missão, continuaremos communicando aos nossos leitores as informações colhidas hontem.

Hypocrisias que não pegam. Ha muito tempo que, com nenhum crime, o "Noticias„ gasta o espaço e as lettras gordas que dedica a este caso. Nem a morte de Ferrer, e o protesto mundial que se lhe seguiu, mereceu á thalassica folha a decima parte da importancia que tem consagrado ao caso de Cascaes, sobre o qual hontem ainda gastava duas columnas para dizer que as botas do Guimarães tinham nodoas de sangue. Cheirou-lhe que havia republicanos mettidos no caso —e cravou-lhe unhas e dentes.

Quem não fôr absolutamente tolo, comprehende bem os sentimentos que estão inspirando o "Diario de Noticias„ e que são simplesmente miseraveis.

Isto lê-se e quasi que se não acredita. Quasi que se não acredita tanta estupidez, tanta maldade, tanta falta de senso intellectual e de senso moral. E quasi que se não acredita, não por elle, pelo orgão da prostituição, pelo jornal sujo que recebe dia a dia os detritos e os vomitos da trindade Affonso Costa, Cunha e Costa e França Borges, mas pelo paiz!

Não por elle! Pois quem se admira, pois quem se havia de admirar do Affonso Costa não ter senso moral? O Affonso Costa, o da herança Esteves Ribeiro, o da Companhia dos Phosphoros, o da questão Carris de Ferro de Coimbra, o do caso Fratel, o que maltratava, o que espancava a propria mãe! O que descia a esta suprema infamia, a esta suprema covardia!

Pois quem se admira, pois quem se havia de admirar da besta do França Borges, o repellente *maitre chanteur*, o ignobil *souteneur*, levar a inconsciencia até ao ponto de julgar que tudo lhe é permittido?

Quem se havia d'admirar do Zé Unha e Gosta fazer d'isto um tablado de saltimbancos em que elle apparece como rei dos histriões?

Evidentemente, ninguem. Quem se admirasse, quem se admirar de qualquer acto d'infamia vindo d'esses miseraveis é manifestamente tolo.

Mas o paiz? Como tolera estes jornaes o paiz? Como podem estes homens ser figuras predominantes n'esta terra? Ao pensar n'isto, não pode deixar de se confranger o coração e de se ensombrar o espirito de todo o portuguez que ame Portugal. Isto demonstra, n'este povo, n'esta raça, uma pavorosa insufficiencia intellectual, uma terrivel, uma triste e desastrosa queda moral.

Affonso Costa não é um simples especulador politico. Não o é Cunha e Costa. Não o é França Borges. Não teem este ou aquelle defeito. Um homem pode ter um grande defeito e ter qualidades que o apaguem, ter virtudes que, de sobejo, á farta, o compensem. Mas não succede isso nem com o Affonso Costa, nem com o Cunha e Costa, nem com o França Borges, nem com o geral, a quasi unanimidade dos magnates republicanos. Affonso Costa, Cunha e Costa, França Borges não teem este ou aquelle defeito. Teem todos os defeitos. Não são simples especuladores politicos, embora o simples especulador politico seja já de si um tratante, um criminoso, um homem funesto e repellente, uma creatura ignobil. São ladrões de sala, são ladrões d'estrada, são assassinos de veneno, assassinos de punhal, assassinos de trabuco, assassinos de dynamite, são bebedos, são seductores, batem no pae e na mãe, abandonam os filhos legitimos, e dizemos os legitimos porque abandonar os bastardos já é, infelizmente, coisa vulgar, emfim, são tudo, tudo quanto ha de mais baixo, de mais vil, de mais repugnante na escoria humana. São tudo e fazem tudo.

Sobre isto ninguem tem duvidas. Ninguem! O interessante e o grave do caso está n'isso. Precisamente n'isso. Ninguem tem duvidas, ninguem! Todo o mundo sabe quem é o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o França Borges, todos os outros bandidos da republica. Porque os supportam? Nem só isso. Se fosse só supporta-los! Porque os supportam na peanha de heroes, de benemeritos, de patriotas, de redemptores, homens da idéa, da democracia, da verdade, da justiça, em que vivem?

N'isso é que está a gravidade do caso. A tremenda gravidade do caso.

O *Povo de Aveiro*, já n'outro dia o dissémos, é lido nas legações extrangeiras. Pelo menos em algumas d'ellas. Sabemo-lo nós perfeitamente. O *Povo de Aveiro* alem de circular hoje em todo o paiz, alem de ter uma grande leitura, cada vez maior, é lido por todas as classes *d'élite*, por todo o elemento intellectual e dirigente n'esta terra. E entre os seus numerosos assignantes, figuram muitos extrangeiros residentes no paiz. Ora este facto, creiam-no, faz-nos muitas vezes hesitar e tremer a penna no papel. E' com dôr, com verdadeira dôr, que nós procedemos muitas vezes á autopsia d'este gangrenado organismo nacional. Mas se é preciso, se é preciso?!...

Que idéa fazem de nós os extrangeiros? Como apparecemos nós, collectivamente, como raça, como povo, aos olhos da Europa, aos olhos do mundo?

Que dolorosa coisa!

Ou a reacção, que aliás se vae formando em Portugal, e d'essa reacção é prova eloquente o proprio facto da larga circulação que adquiriu este periodico, triumpha, ou nós somos um povo anniquilado, um povo perdido aos olhos de todo o mundo culto.

Nós julgamos aqui, parvoamente, que ninguem nos vê, que ninguem faz caso do que se passa entre nós, e as chancellarias vêem tudo e sabem tudo. Por mais do que uma vez temos dicto n'este *Povo de Aveiro*: «As legações registam tudo e informam de tudo os seus governos. As legações conhecem muito melhor o Affonso Costa, o Alexandre Braga, os corypheus republicanos do que nós os conhecemos. As suas impressões sobre republicanos portuguezes são detestaveis, verdadeiramente detestaveis.» Quantas vezes o temos dicto!

Camachos, Menezes, Bazilios, Duartes, Affonsos, Cunhas a cada passo dizem com entono: «Não ha perigo d'uma intervenção extrangeira! O principio de que cada povo se governa como entende é hoje principio acatado em todo o mundo.» E ainda n'outro dia sustentaram a opinião contraria a proposito de Ferrer e de Maura! Então, ahi, já a Europa, já o mundo, tinha o direito, o direito e o dever, de intervir e de se impor. E que um povo não pode viver com a má vontade, a hostilidade dos outros povos, ainda que seja muito rico e poderoso, não ha duvida nenhuma. Quanto mais Portugal, fraco, indefeso, e economicamente e financeiramente nas mãos de todo o mundo!

O perigo não está nas intervenções armadas. Esse já é o menor perigo. Está nas difficuldades levantadas pelos fortes e em que esbarram e afocinham os fracos n'um instante quando os fortes lhes teem má vontade. Ora imaginem a republica portugueza com esse bando de ladrões, assassinos, covardes, idiotas, que são todos—os que não são directamente ladrões, e assassinos, e canalhas teem sido cumplices em todos os assassinatos, ladroeiras e canalhices, teem tido a espantosa covardia e imbecilidade de não fazer ouvir uma voz de protesto, de não repellir, de não quebrar solidariedades—que são todos os representantes do partido republicano em Portugal! Imaginem! E com a tradicção de hostilidade á Inglaterra, que tem esse partido! O primeiro jornalista republicano que ousou em Portugal quebrar essa tradicção, que defendeu abertamente a alliança ingleza, que recommendou vivamente aos republicanos cuidado e tino n'esse ponto—e ahi fomos ouvido, devem-nos esse serviço—fomos nós. Mas isso foi hontem. Não tem ainda raizes nenhumas. Isso foi hontem, e não é preciso ter espirito muito observador para vêr que a acquiescencia dos republicanos á alliança ingleza é meramente apparente. No fundo continua a existir, e sente-se a cada passo, a mesma hostilidade. E' um acto de medo, de conveniencia de occasião e de modo algum um facto de convicção. Este espirito romantico, nephelibata, arruaceiro, fanatico, do demagogo portuguez, é profunda e abertamente incompativel com a pujante envergadura ingleza.

Toda a gente se lembra da terrivel impressão que produziu no mundo o assassinato do rei D. Carlos e do principe real. Não foi o assassinato, em si. Foi a indifferença bestial, selvagem, dos que não eram republicanos, e foi a alegria cannibalesca dos que eram republicanos. Para o exame da nossa psychologia esse facto foi o mais prejudicial que podia surgir.

Um jornal inglez, *The Graphic*, se não nos falha a memoria, publicava sob o titulo —*A vergonha de Lisboa*— a scena da romaria ao coval do Buiça e do Costa.

Qual é o effeito, agora, do crime de Cascaes? E' recordar a todos os extrangeiros que vivem em Portugal, que não são poucos e que não são tolos, o mesmo espirito assassino, o mesmo espirito brutal, selvagem, antipathico, repellente, da outra vez. Trata-se d'um crime horroroso. De um crime premeditado, d'um crime commettido com covardia e traição, sem nenhum motivo que o attenue, que, de perto ou de longe, o justifique. Como já fizemos notar, Manuel Nunes Pedro não ia *espontaneamente e propositadamente* revelar as particularidades do roubo do cartuchame. O que elle queria era que lhe valessem, que o não deixassem morrer de fome. Arranjavam-lhe um emprego no Dondo, no fim do mundo, no inferno? Elle para lá ia ganhar a sua vida. E que ia, não ha duvida nenhuma, desde que foi a esperança de apanhar o vapor que o conduziu á *Bocca do Inferno*, onde encontrou morte traiçoeira, vil, covarde.

Se ia para o Dondo, se ia para qualquer parte onde podesse ganhar alimento para si e para a sua familia, que mais queriam os conspiradores republicanos? Que receavam do desgraçado no Dondo? Em longinquas paragens?

E' um crime *com todas as circumstancias aggravantes*. E' um crime demonstrando requintes de ferocidade, de perversidade, verdadeiramente hediondo. E o partido republicano perfilha esse crime! E os que juncaram de flores o coval do Buiça e do Costa querem agora, em face d'elle, fechar a bocca, contrahir as mãos n'uma crispação nervosa, em um ultimo assomo de respeito pelo pudor publico, ou antes, *medo das conveniencias*, mas não podem As mãos batem palmas! Da bocca jorram applausos! Miseraveis!

O *Seculo*, o *Mundo*, a *Lucta*, já não se limitam, n'uma reserva e fazendo uma excepção que constitue um acto patente de solidariedade, a abster-se de reportagem e de commentarios. O *Mundo*, o jornal mais lido do partido, o genuino orgão do partido, clama: «Respeito aos assassinos, que somos nós, os republicanos! Silencio! Emmudeça tudo, cale-se tudo, que somos nós os assassinos, os republicanos!» E o facto espantoso é que tudo emmudece! Os republicanos dão *bravos* ás palavras do *Mundo*. Os republicanos dão palmas. E os monarchicos emmudecem! De rabo entre as pernas, o proprio *Diario de Noticias* mudou de rumo ... abandonando a reportagem!

E' espantoso! E' espantoso!

N'outro paiz, n'um paiz viril, n'um paiz onde houvesse um boccado d'intelligencia e um boccado de caracter, jornal que em cima d'um assassinato como esse de Cascaes se atrevesse a ter a conducta que logo de principio teve a *corneta* do França, *o Cornetim da Margarida, a Trombeta da Emilia*, essa porcaria que só em Portugal se poderia chamar um jornal, e a concluir por se dirigir a outra gazeta nos termos em que se dirigiu ao *Diario de Noticias*, a *Corneta* do França não só seria jornal d'um dia para o outro sem leitores, jornal morto, como os seus redactores, arremessados por uma onda d'indignação popular, sahiriam pelas janellas a esborrachar-se na calçada. Na America, por exemplo. Aqui, n'este pantano, *emmudecem* as rapozas monarchicas e entôam hymnos de louvor os sapos republicanos!

Tem o *Graphic* a palavra. Volte pagina e inscreva por cima da nova gravura:

A Lisboa definitiva—terra de cafres.

Entretanto, deixem-nos a nós perguntar:

Mas quem foi o assassino? O Guimarães?! O Domingos Fernandes Guimarães?!! E tanta attenção, tanta homenagem das gazetas e do partido republicano ao Domingos Fernandes Guimarães?!!!

Não vae nada. Para nós, que os conhecemos, *não vae nada.* E os senhores, os que nos leem, tambem os conhecem. O respeito que elles teem pelos humildes, ei-lo ahi ... no Nunes Pedro assassinado em Cascaes.

Se o Domingos Fernandes Guimarães assassinou, foi um braço. Qual foi a cabeça que inspirou esse braço? Quem armou esse braço?

Sabe-o o Affonso Costa, sabe-o o França Borges — o Margarido, sabe-o o Grandella, sabe-o toda a quadrilha do *Mundo*, sabe-o Deus, e poderá sabe-lo o sr. juiz d'instrucção ... se a sorte se juntar á sua habilidade.

Rectificação

Consequencias da mudança da redacção do "Povo de Aveiro„ para a Torre de S. Julião da Barra

Não ha nada mais irritante que um revisor sem cuidado ou sem escrupulos a alterar as palavras, portanto as intenções do auctor e o sentido dos artigos.

Nos ultimos dois numeros, e hoje, provavelmente,—cesteiro que faz um cesto faz um cento— succede a mesma coisa, o *Povo de Aveiro* sahiu cheio d'erros, e alguns d'elles attingindo as proporções de verdadeiras monstruosidades.

Assim, no artigo *Justiça a todos*, ao tratar do conflicto entre o lente de direito Teixeira d'Abreu e o estudante Homem Christo, escrevemos, falando d'este: *A sociedade não é obrigada a aturar malucos.* Pois em vez de malucos o typographo compoz e o sr. revisor deixou passar... *malandros.* Sendo, aliás, as palavras bem differentes. Que tal está o da rabeca? E vá lá um homem livrar-se d'uma d'estas!

Malucos, sr. revisor. Cabeças desorientadas. Abra os olhos para a outra vez.

No mesmo artigo, em vez de *resumir* poz *reunir*. Onde nós diziamos que o lente tinha atraiçoado uns poucos de deveres, sendo o 1.º *o d'aquella decencia e o d'aquelle respeito que todo o homem deve a si proprio, desde o varredor da rua até ao rei*, o sr. revisor em vez de *decencia* deixou sahir *decadencia*.

Vae longe, sr. revisor. No *Times* ganhava uma fortuna!

Ao falarmos das devassidões d'Affonso Costa referiamos um facto passado com uma *creada* de 18 annos. Em vez de *creada* o sr. typographo, e esse tem desculpa, compoz *creança*, e o sr. revisor, que não tem desculpa nenhuma, deixou passar *creança*.

Nem ao menos viu que uma *creança de 18 annos* era... dura de roer!

E assim por deante. Seria um nunca acabar. O ultimo numero vinha crivadinho d'asneirolas. Effeito da redacção do *Povo de Aveiro* se ter mudado... para S. Julião da Barra. Ahi é que o sr. general nos trilhou. Foi ahi, meu general! Isto é um paiz d'incapazes. E' claro, não nos referimos ao senhor general! Isto é um paiz d'incapazes. Temo-lo dicto cem vezes e confirma-se a toda a hora. Ou a gente tem á mão creados, creadas, trabalhadores, operarios, ou, se os abandona por um instante, *vae tudo por agua abaixo*. E' raro, rarissimo, encontrar-se um empregado em quem se possa confiar, em quem se possa descançar. Isso é um achado! Um precioso achado! Uma authentica maravilha! Assim, como ha de um povo progredir? Como ha de haver trabalho capaz de rivalisar, em preços e perfeição, com o trabalho extrangeiro?

Mas, pelo que nos diz respeito, effeitos da redacção se ter mudado para a Torre de S. Julião da Barra. Ahi ficámos trilhado. Ahi, sim. Era a unica maneira do *Povo de Aveiro* falar torto, meu general. O revisor longe de nós... faz o que quer. Mãos ao céo se elle não for capaz de nos fazer apanhar... mais trinta dias de prisão correccional!

Ahi, sim, ficámos trilhado. E' verdade que por outro lado apanhámos a gloria de já ter tido a redacção do *Povo de Aveiro*... na Torre de S. Julião da Barra. Com peças de 28, de guarda de honra, aqui, á latera! O meu general zangou-se muito, e o *Mundo* tambem, o *Cornetim da Margarida*, por o *Povo de Aveiro* circular nos quarteis. Realmente era pouca vergonha. E então os amigos republicanos, para se vingarem d'essa pouca vergonha, mudaram a redacção do *Povo de Aveiro*... para a Torre de S. Julião da Barra. São expertos!

E a experteza não está só na gloria mencionada. Está tambem no prazer de nos ter feito conhecer a Margarida e a Emilia, que só conheciamos de longe. Agora conhecemo-las de perto.

O Margarido contava na *Corneta* — ou *Cornetim* ou *Trombeta*, pode ser qualquer das coisas—que *apenas* (o gripho, é d'elle, o gripho e mais alguma coisa como se ha de ver adeante) tinhamos sido visitado, até á data, por padres, thalassas e figuras apagados do rotativismo. E' mentira. Padres, nem um. Teriamos muito prazer em os ver. Mas a verdade é que nem um. Ora agora quem veio cá, seu França, foi a Margarida, foi a Emilia, e contaram-nos coisas preciosas. Mas socegue o cotovello. A Emilia portou-se heroicamente. E' de faca e calhau!

Estava despeitada com você, desesperada, furiosa. E quiz desabafar.

A outra diz que queria conhecer o chronista... dos seus amores passados. E chorou com saudade. Não sei se tambem com ciume. Quiz-me parecer que sim. Exalta-o, França! Diz que você, antes das *carochas o chuparem* — piada ás outras — era um *macho admiravel*. Eu respondi que *macho* é você cada vez mais. Mas ella contestou.

Mas como diabo entraram ellas—dirá você, tendo cá mettido o piolho republicano a espreitar? Eu lhe digo: disfarçadas em tias, a vender ovos. Agora já se póde dizer, porque ellas não voltam cá.

N'outro dia appareceu-me aqui um amigo—é medico—e disse-me: "Diabo, fiz agora uma pouca vergonha. Mas isto é longe ... eu queria-o ver... e se não uso d'este expediente voltava para traz.„

— Então que foi?

— Exigiram-me um bilhe de visita, á porta das armas. E eu, que não trazia bilhete, dei um que tinha no bolso por acaso, o do meu primo, o mercieiro...

— Está bem. Foi uma coisa innocente. Isso não vale nada.

Ora a Margarida e a Emilia não entraram como primas. Mas entraram como tias.... a vender ovos.

Ellas sabem da poda! E como tinham por mim — disseram — uma irresistivel sympathia... E' verdade! Julgo que é por eu lhe dar em você, ó França—e não é por outra coisa—muita lambada.

Eis as consequencia da mudança da redacção do *Povo de Aveiro* para a Torre de S. Julião da Barra. Em erros de revisão, as gentes da republica trilharam-me. Mas no conhecimento directo que me deram da pulga e do piolho republicano... ficaram trilhados.

Eu já conhecia a formiga de Lisboa, que tambem é uma praga, benza-a Deus. Mas essa é monarchica. Veio no tempo de D. Luiz I, que Deus haja. Mas esta pulga e este piolho republicano, que não vão a pós de Keating, e que são de fresca data—nasceram d'aquella famosa imprevidencia de João Franco em 28 de janeiro—é que eu não tinha ainda *experimentado*.

Agora estou *habilitado*.

Pegado ao quarto da cama ha um quarto de toilette. A Emilia é devota. Tem santos pelas paredes. Em frente mesmo do toucador está a Senhora da Conceição e a Senhora da Nazareth. Entre as duas, ao centro, o retrato do França.

E o França tem um especial deleite em estar em casa da Emilia... entre a Senhora da Conceição e Senhora da Nazareth!

Em poucas palavras

O *Cornetim da Margarida*, de segunda feira 1 do corrente, dizia que quem nos quizesse ver *devidamente julgado* lesse um pasquim que se publica em Aveiro. E indicava a casa onde o pasquim se vendia em Lisboa.

Mais nada. Era uma noticia de quatro linhas. Era um garoto a atirar a pedra e a fugir. Era um malandro a vomitar uma infamia, mas com a consciencia de que a infamia era tão grande e tão vil que chegava a ter vergonha d'esse vomito. Apezar de ser o ultimo dos biltres, o Margarido córava do biltre d'Aveiro.

Isto é claro. Não é preciso grande esforço d'intelligencia para o admittir. Pois, na verdade, se nós eramos *devidamente julgado*, porque não transcrevia o Margarido? Então o Margarido poupava-nos? O infame do Margarido? O sujo Margarido?

Toda a gente sabe o odio que nos tem o Margarido. Toda a gente calcula com que alegria, com que satisfacção elle nos esmagava, se podesse. Ninguem ignora a absoluta falta d'escrupulos d'esse biltre, que dia a dia penetra na vida intima dos seus inimigos, e dos inimigos da grande quadrilha, com verdades ou mentiras, é-lhe indifferente, quando os não pode comprometter com actos publicos. Esse pulha, que não respeita mulheres, que não respeita homens, que não respeita coisa nenhuma. Haja vista as insinuações asquerosas que elle dia a dia dirige á rainha, ás mulheres da corte, a todas e a todos e a tudo desde que d'ahi lhe venha alguma vantagem ou algum proveito. Então, porque não transcrevia o *devido julgamento* que de nós fazia o biltre d'Aveiro? Porque se limitava a um reclame de quatro linhas? Então o Margarido poupanos?

Isto basta para que todos os leitores ajuizem de valor moral do garoto d'Aveiro. Para que calculem a série de mentiras e de infamias a que elle se abalançava e se abalança. Até o Margarido fugiu de as transcrever e quasi que teve vergonha de as citar!

O caso cifra-se em pouco. Não nos referimos a elle com prazer. Mas desde que é forçoso faze-lo, faça-se.

O garoto d'Aveiro accusa-nos de termos casado com uma mulher para lhe roubarmos a herança. De a termos maltratado. E de a termos expulsado, depois de a termos maltratado e de a termos esbulhado da fortuna.

Ora essa mulher não tinha *nada* quando casámos com ella. Deveria possuir vinte contos nominaes em inscripções, mas as inscripções estavam empenhadas. Veio a possuir um predio, quando, mais tarde, se fez partilhas entre irmãos, que rendeu um conto e setecentos mil reis ao ser vendido. Mas esse predio, com os que vieram a pertencer aos irmãos, estava em poder dos credores de seu pae, fallido com um grande passivo para um activo insignificante.

Emfim, a fortuna era, ou veio a ser, de dez contos de reis! As inscripções pouco mais valiam de oito contos reaes, e por essa quantia se vieram a vender. E o predio, repetimos, vendeu-se por um conto e sete centos. Dez contos de reis! Não ha homem com posição mediocre na sociedade que não arrange, querendo, mulher com dez contos de réis. Dez contos de reis! Tal foi a fortuna que fomos buscar! Tal foi a nossa ambição de dinheiro! Sendo de advertir que eramos tenente do exercito e que a nossa individualidade se havia já affirmado por tal forma dentro do partido republicano que, dois annos depois, eramos eleito membro do directorio, nas vesperas d'uma revolução, que bem planeada e bem dirigida, como queriamos, teria sido o triumpho do partido republicano e nos daria, por conseguinte, uma posição preponderante dentro do novo regimen e no paiz.

Mas nem mesmo essa fortuna insignificante, tornamos a dize-lo, estava livre, e ficaria gravemente prejudicado, sem o nosso esforço, o nosso trabalho, a nossa intellegencia. Fomos nós que desempenhámos as inscripções e fomos nós que arrancámos as propriedades das mãos dos credores, propriedades inteiramente perdidas para a mulher com quem casámos e os irmãos, se não casassemos, pois que o pae, por motivos que não é agora necessario referir, estava inteiramente inhibido de o fazer, e a questão judicial ia em alturas de um terceiro intelligentemente e energicamente intervir ou de tudo se perder. O nosso casamento, pois, não levou nenhum prejuizo material a essa familia. Levou-lhe beneficio, somente.

Passaram-se annos e deram-se factos que nos obrigaram a pedir a separação. Não queremos insistir sobre esses factos, não por nós, mas porque não temos interesse nem prazer em aggravar a situação d'uma pessoa que para cumulo d'infelicidade sua é jogada ainda como instrumento pelos maiores miseraveis que teem apparecido n'este paiz e coberta d'injurias e affrontas nas injurias e affrontas com que garotos e biltres da laia d'esse garoto d'Aveiro, e do Margarido, que lhe faz reclame, embora não se atreva a transcrever-lhe a prosa, julgam attingir-nos. Basta dizer-se que logo que tivemos conhecimento d'esses factos procedemos como procede todo o homem digno: pozémos a questão nos tribunaes.

Não expulsámos ninguem. Em casos taes não ha nem deixa de haver expulsões.

Os tribunaes julgaram. E julgaram, em decisão unanime, a nosso favor. Tinha razão de queixa contra nós a outra pessoa? Em primeiro logar, nenhuma razão de queixa justifica certos procedimentos. Só uma degenerescencia, só uma doença, que a sociedade, bem ou mal, ainda não quer acceitar, embora certos excessos só se possam explicar por doença, os poderia justificar. Em segundo logar, essa pessoa tinha os tribunaes para fazer vingar as suas queixas ou valer os seus direitos. Não o fez. E quando recorremos a elles, nós, os tribunaes deramnos razão a nós e não a ella.

Quanto á fortuna, a mesquinha fortuna do casal, podia-se ter gasto muito bem sem haver n'isso para nós o minimo desdoiro. Se a gastassemos no jogo, com amantes, na taberna, em vida de dissipações ou de luxo, então sim. Mas se a gastassemos nas imperiosas necessidades do casal, não. Ora nem assim se gastou. Está garantida, e bem garantida, n'uma empreza industrial de que somos socio, e para a qual entraram os capitaes em que foram convertidas as inscripções Empreza industrial que não é o *Povo de Aveiro*. O *Povo de Aveiro* é independente d'isso.

E' uma empreza industrial d'esta cidade, prospera e segura, que toda a gente ahi conhece.

Dizemos ás vezes que o *Povo de Aveiro* é o nosso unico recurso. Pois não ha duvida. Mas isso não quer dizer que tenhamos *dissipado* a fortuna que havia. Os tribunaes marcaram uma pensão á mulher com quem viviamos. Deram-lhe o que se lhe podia dar e nem ella reclamou mais ou appellou da decisão tomada com o voto unanime dos membros do conselho de familia por ella nomeados livremente, ou pelo seu procurador. Não houve a menor extorção, a menor injustiça, como ella propria reconheceu, conformando-se sem o minimo protesto. Alem d'essa pensão impozeram-nos o encargo da alimentação e da educação de tres filhos, um dos quaes, só um dos quaes, já com familia, nos tem levado, com a mezada que lhe damos e extraordinarios de toda a ordem, n'uma condescendencia e piedade que nenhum outro pae teria, perto de cincoenta mil reis por mez. E os outros dois? Então, o que eram os recursos do casal para tudo isso? Sem o *Povo de Aveiro*, que constitue uma propriedade nossa, que nós creámos com o nosso trabalho e a nossa intelligencia, mas que ainda assim reverte a favor dos filhos, seria impossivel satisfazer os encargos da familia.

E eis tudo.

A extorção existiria, a verdadeira extorção, feita aos filhos, se os tribunaes, em logar de resolverem como resolveram, resolvessem pela separação de bens, como parece desejaria o miseravel que se arvorou em campeão da infeliz para a encher d'affrontas e de injurias. Então, sim. Os filhos ficariam esbulhados, elles e só elles, porque a parte entregue a sua mãe já a estas horas não existiria.

E eis tudo, repetimos.

Dado como resposta ao garoto d'Aveiro e ao Margarido? Não. Dado como resposta *necessaria* á calumnia. Nós nunca deixámos a calumnia de pé.

Em Aveiro ninguem faz caso, absolutamente ninguem, d'esse garoto. Nem os da quadrilha. Nem esses mesmos lhe dão importancia nenhuma. A quadrilha é pequenissima n'esta terra. Tem aqui um valor nullo. São quasi todos uns biltres, como, aliás, por toda a parte. Pois nem esses dão o minimo valor ao gazeteiro ordinarissimo.

A nossa vida é de todo o mundo conhecida em Aveiro. E' de absoluta simplicidade, e sempre foi. E' de constante trabalho, e sempre foi. Ninguem nos conhece uma extravagancia, um vicio, nem nunca conheceu. De forma que aos olhos da gente d'Aveiro nós não podemos, nós não devemos, responder a esse garoto. Responder-lhe é para nós, segundo a opinião publica n'esta terra, uma ignominia. E teem razão. Mas o nosso nome não pertence só a Aveiro, pertence a todo o paiz e fóra d'Aveiro desconhece-se a maior parte do que ahi fica referido. Teem razão. Mas agora... foi preciso.

Muitas vezes atacámos alguns d'aquelles que hoje n'esta terra nos fazem justiça. Muitas vezes os ferimos. O garoto lembra-o. Mas estranha ao mesmo tempo que isso tenha esquecido aos que nos prestam homenagens actualmente. Não esqueceu. Simplesmente, ha virtudes nos homens de tal ordem que em certa altura da sua vida tornam... todos os aggravados esquecidos. E' só isto!

Responder a esse garoto não se pode. Pode-lhe tapar a bocca, quem quer. Isso, sim. E' facilimo.

Dois factos bastam para definir esse biltre. N'outro dia injuriou um homem. O injuriado disse-lhe: *Ou amanhã se desdiz ou procedo contra si.* Immediatamente deu o dicto por não dicto. Onde tinha dicto que era preto affirmou que era branco e onde tinha dicto que era branco affirmou que era preto. O grande miseravel!

A conjugar com esse facto, a harmonisar com elle, n'uma intima harmonia, est'outro: Só se lembrou de nos arremessar injurias e infamias no dia em que eramos preso!

E' claro: não podia proceder d'outra maneira. Se nós jogavamos a nossa posição e arrostavamos graves penas militares por assumir a responsabilidade do que tinhamos escripto, o garoto que tinha engulido o que havia escripto, tudo quanto havia escripto, para fugir a uma responsabilidade minima, como nós agora o fariamos engulir, se quizessemos, todas as infamias que vomitou ahi, não tinha outro caminho a seguir senão esse: esperar que se nos abrisse a porta da prisão para dizer as mais baivas grosserias e as ultimas villanias. Não podia proceder d'outra maneira. Mas tambem não podia definir melhor o seu substractum d'infamia, o seu tecido de vileza, a sua alma de lodo. O pulhissimo garoto que, antes de falar em mulheres e em honra de mulheres, se devia lembrar de que se não é, já, o completo symbolo da pretendida reforma nas armas d'Aveiro, como marido conscientemente pulha e não como marido enganado, o que quem escreve estas linhas ignora, —o que já não se diz pelo lado das ferraduras, porque essas traz elle á mostra desde que nasceu,—que se já não é, dizemos, como parece ser, como deve ser, o completo symbolo da pretendida reforma nas armas d'Aveiro, é, pelo menos... pinto da silveira. O miseravel, que não se lembra de que não pode cuspir em mulher nenhuma sem cuspir na propria mãe! O miseravel!

Não é licito, pois, em Aveiro, responder a esse garoto, porque, dado o conhecimento que d'elle tem esta cidade e o valor moral que lhe assigna, responder-lhe é descer, é perder prestigio, é ficar enlameado. Mas como o *Margarido* lhe fez reclame á prosa insulsa, ainda que torpe, forçoso foi, repetimos, para os que não conhecem Aveiro e os que não vivem em Aveiro, restabelecer a verdade, quanto aos factos.

E a verdade, ahi fica.

O França... nas horas vagas

A Emilia é tesa, como se sabe.

Ha uma recita em S. Carlos, em beneficio de caridade. A Emilia tomou parte. A' sahida, França espera, com um trem.

A Emilia olha, vê o trem, enruga a fronte, inclina-se um pouco para deante e diz, apontando para o trem:

— Hein? Um trem? Já, um automovel! Eu não disse que queria um automovel? Já, um automovel!

França vae a correr, buscar o automovel.

—

França foi sempre um tótósinho com mulheres. Ellas puxam-lhe pelas barbas, dão-lhe açoites, fecham-no n'um quarto...

Era o castigo predilecto da Margarida. A Margarida, sempre que se zangava com o França, fechava-o n'um quarto.

— Abre a porta, Margarida!...

— Isso é que não abro.

— Abre a porta, filha!

— Já te disse. Não abro. Has de estar ahi duas horas.

França resignava-se e estava as duas horas.

A's vezes, a Margarida condoía-se e abria-lhe a porta antes de passarem as duas horas.

—

A Emilia não tem papas na lingua.

Andam-lhe a arranjar uns reposteiros e outras coisas em casa. Apparece um portador e diz:

— O senhor França manda-lhe isto, para a senhora desfiar.

— Hein? Para eu desfiar? Que os desfie a p... da... Pobre mulher!

O portador sahe. No patamar estão duas senhoras, que ouviram. A Emilia fecha a porta com violencia, volta-se para o que está de dentro e clama:

— Então não é um s...?

— Isso é que é! Isso é que é! responde o outro.

—

Vae uma conta ao França, á rua de S. Roque, para pagar. França manda a casa da Emilia.

Lá que paguem.

— Hein?!

Emilia faz um enorme estardalhaço. O portador avisa o França. França apressa-se a pagar.

—

Emilia, alem de não ter papas na lingua, di-las em cheio.

Quer umas reparações na casa. Manda fazer um orçamento. O homem apparece com o orçamento feito. O França está com a Emilia. França lê e diz:

— Diabo, acho caro!

— Caro? Tu sabes alguma coisa d'isto? O que é que tu sabes d'isto se tu nem sabes escrever?

E o França... embatucou!

Tres malandros! Não é um!

Mandam-nos um exemplar da *Beira* em que o dr. José Augusto Pereira, o das *patas grandes*, diz que nunca nos telegraphou, nem escreveu.

Mas, perdão. Ou nós não nos soubemos explicar, ou você não nos entendeu. Nós não dissemos que na *Beira* havia só um malandro. Ha, pelo menos, tres. Tres! Pelo menos! Ha mais. E' tudo. Mas tres conhecemos nós. Um é você. Revela-se? Pois não ha duvida. Um é você. Foi você quem obteve de João Franco, e não da lei, o logar de professor na Escola Emygdio Navarro. Qual lei? Qual trabalho? Então o João Franco respeitou alguma vez a lei? Ou só a respeitou quando se tratou de o favorecer a você? Estou a vêr que você é muito mais malandro do que eu julgava. Pois então o João Franco, o dictador, respeitou alguma vez a lei? Essa é nova!

O seu trabalho? Pois então o João Franco, o vampiro, respeitou alguma vez o trabalho? Só se foi o seu... quando lhe convinha a você!

Que grandes malandros!

Você é aquelle que tendo dito mal, o diabo, o inferno, da lei d'imprensa de João Franco, requereu depois a applicação d'essa lei a um jornalista reaccionario, seu adversario, que, aliás, nunca requereu contra você castigo de tal ordem. Não foi você? Se me não falha a memoria, foi você. Se foi. como creio, você é completo! O João Franco serviu-o ás mil maravilhas, em tudo, mas foi um patife... sempre que o não serviu a você!

Não ha que vêr. Você é completo!

De resto, não ha duvida que você nunca falou comnosco. Felizmente. Não temos prazer, temos desgosto em ter conhecido malandros.

Não ha duvida que você nunca nos escreveu, nem nunca nos telegraphou. Nem nós, jámais, o dissemos. Nós nunca dissémos que você nos falasse, escrevesse, ou telegraphasse.

Ha equivoco. Mas fica desfeito o equivoco. Você é o malandro do seminario e do emprego na Escola Industrial. Primeiro malandro.

Ha outro que nos escreveu. Segundo malandro. E ha outro que nos telegraphou. Terceiro malandro.

Se quizer mais conversa, ou se algum outro a quizer, com muito gosto. Cá estâmos.

Deixem-nos folgar, deixem-nos folgar...

O comicio de Mação já serviu para elles dizerem: *Vêde como a idéa republicana se alastra no paiz, vêde como o paiz é nosso*... Era o que dizia o cidadão Mayer Garção, pouco mais ou menos, no *Cornetim da Margarida*.

Está bem. Se elles teem força em Mação, está bem. Mas nas terras em que elles não teem força... francamente é tolice.

Fazer o jogo da quadrilha... dar-lhes pretexto a falsas allegações de popularidade...francamente, é tolice.

Infames!

Infames! E cada vez mais infames!

Refinam na infamia! Crescem na infamia! Com uma desfaçatez, com um cynismo que melhor que tudo demonstra a queda, a grande queda moral d'este paiz!

Infames por todos os lados! Infames sob todos os aspectos! Affrontando tanto, com tanta insolencia na infamia, que, por mais humano que se seja, que, por maior fundo de piedade que exista nas almas bem formadas, quem tiver sangue, quem for capaz de sentir alguma vibração, um boccado d'energia vem-lhe vontade... de os esganar.

Elles dizem que se forma, que se prepara uma reacção sangrenta! Mas como podia ser, como podia succeder d'outra maneira? Só se n'este paiz tivessem morrido inteiramente os homens. Se ha homens, se ha temperamentos de resistencia, a indignação, a mais justificada e legitima indignação, conduz esses homens, fatalmente, á reacção sangrenta. Fatalmente! Demais a mais quando toda a gente vê, cada vez mais nitidamente, com maior convicção, que tudo isto resulta d'aquella desastrada complacencia, d'aquelle erro indesculpavel de João Franco em 28 de janeiro. D'ahi vem tudo! Se João Franco tem aproveitado essa noite para os varrer, estava vivo o rei e o principe real, estava elle triumphante e estava o paiz livre da canalha para uns annos. Isto repete-se, porque é tão lamentavel não haver succedido que dá vontade de repetir.

Apregoa-se para ahi a prophecia de Julio de Vilhena. Qual prophecia, qual diabo! Só se Julio de Vilhena sabia muito bem que João Franco não era capaz d'um acto decisivo e forte de homem d'estado. Sabia? Então está bem: aquillo terminava fatalmente n'uma revolução ou n'um crime. Mas não sabia? Então foi uma laracha, uma d'estas bombas de rhetorica que rebentam asnaticamente a cada instante n'esta terra. Um d'estes palavrões, dos muitos palavrões arremessados por ahi a toda a hora sem nenhuma precisão, sem nexo, sem sentido, sem coisa alguma que os explique ou justifique. Se João Franco é homem d'estado aquillo tinha acabado simplesmente por haverem ficado centos d'elles estendidos no meio da rua e por outros tantos terem ido apodrecer na Penitenciaria e em Timor.

Aquillo era um bando de galileus esfarrapados. Aquillo era uma canalha. Não havia plano revolucionario, não havia plano de combate, não havia elementos de resistencia, não havia coisa nenhuma. As proprias bombas, as tão apregoadas bombas, não prestavam, geralmente, para nada. Os proprios chefes tinham tanto a consciencia do insuccesso d'aquella mascarada que o salteador Affonso Costa cortava as barbas. Era o garoto do caso Fratel. Era o velhaco eterno, era o covardão que batia na propria mãe. Mettia os outros á bulha e elle preparava-se para se escapulir. Se pegasse, pegava. Se não pegasse... por aqui me sirvo. *Vae tu adeante*, como elle dizia ao Fratel, *que depois vou eu*. O que ia adeante apanhava tapona? Elle é que a não apanhava. Escapulia-se. O covardão! O miseravel!

O covardão sem vergonha que cortava as barbas, e que, depois, entrava com as ceroilas borradas no governo civil. Borradas! Não é *força de expressão*, é a *legitima expressão da verdade*. Borradas! Cheirando mal a ponto de ser necessario apertar o nariz.

O que valia aquelle movimento revolucionario? Se João Franco é um homem, que não é, como havia de sahir d'aquillo uma revolução ou um crime? D'aquillo sahia mas era uma limpeza, uma purificação, uma porrada de tremer. Iam de cú para o ar as quadrilhas monarchicas e a quadrilha republicana.

Esse foi o crime de João Franco. O seu unico crime. Que a historia nunca lhe ha de perdoar. De que ha de soffrer, sabe Deus até quando! a causa da ordem e dos intereses geraes n'este paiz.

Não se pode perdoar isso a João Franco, tanto mais quanto é certo ter-se perdido uma occasião *unica*. Como se ha de repetir a occasião? Occasiões d'aquellas ha uma em cada seculo. Agora foi-se. Morreu D. Carlos, *que era homem para aquillo*, e não se torna a preparar uma zaragata d'aquella natureza. Aquella nem de encommenda, nem de proposito, e deixaram-na fugir. Se João Franco fosse um homem d'estado, *preparava-a*. Não esperava que ella fosse ter com elle. Preparava-a! Pois ella vae ter com elle e elle... deixa-a fugir!

Agora ahi os teem. Que infames! Que infames! Que bandidos! Que canalha tão ordinaria, tão baixa, tão vil!

O que elles fizeram com o jornalista Balsemão, quando da morte do policia, hontem ainda, ha dois dias, e o que elles fazem agora com o crime de Cascaes;

Que infames! Que canalha! Que escoria vil!

Isto já nem é moral de quadrilha politica. Isto já nem é moral de valente quadrilha de monte ou valle. O Mazolino, ou que era, nunca desceu a tanta vileza. Isso é que não desceu! Esses grandes bandidos de estrada tinham outra nobreza! Outra lealdade! Outra coherencia! Tambem aqui não é força d'expressão. Não é! E' a *legitima expressão da verdade*. Todos nós vimos lendo, desde creança, nobres façanhas d'esses grandes bandidos da Italia, da Hespanha, e até d'este paiz. Esses grandes bandidos, no meio dos seus crimes, observavam uns certos principios de lealdade e de nobreza. Tinham rasgo. Chegavam a impor uma tal ou qual admiração, uma certa sympathia. Não eram este nojo, esta canalhice que fala em nome da idéa, em nome da democracia! Não eram esta lama, este lodo, esta trampa—com Deus, que não ha outros termos!— que se propõem, dizem, rehabilitar, regenerar, *purificar* a terra portugueza!

Esses grandes bandidos, celebres bandidos d'estrada, que saltavam á frente dos viandantes d'espingarda em punho, eram criminosos mas não eram canalhas. Estes, os da purificação da patria, os da redemptora, são criminosos e são canalhas. Canalhas! Grandes canalhas! E se alguma coisa ha na vida de repugnante e revoltante é a canalhice, e o canalha!

O que elles fizeram com o jornalista Balsemão, n'outro dia, e o que elles fazem hoje! Elles todos, os pulhas relaxados e os pulhas finos, os pulhas sem vergonha e os pulhas de bem! Elles todos, os do *Mundo* e os da *Lucta!* O que disse, por exemplo, cannibalescamente, do proprio policia morto, esse senhor Marinha de Campos!

A gente vê isso, a gente recorda, a gente compara e não resiste a este desejo, a este impeto de colera justiçeira, de os trincar, de os queimar, de lhes agarrar pelo rabo e atira-los ao Tejo, como se faz... a um animal perigoso.

Oh, miseraveis!

Que o jornalista Balsemão havia de ser, em postas, cosido e frito! Que a justiça havia de proceder com elle rigorosamente! Que haviam de pedir estreitas contas á justiça!

Era um jornalista reaccionario? Não matou por acaso, não senhores! Não foi um incidente, um desastre, não senhores! Rigorosas contas, alli, á justiça! Que não estivesse a justiça com chicanas e com disfarces! O homem para alli, para o Limoeiro! E do Limoeiro... para a Penitenciaria!

Agora? Agora o Marinha de Campos emmudeceu. O Camacho, o austero Camacho, nem pio. O João de Menezes... olha para dentro, para os *burguezes honestos* murmurarem: *Elle lá no fundo protesta contra esta pouca vergonha!*

Oh que patifes! Oh que récua de patifes!

Isto os pulhas de bem. Os pulhas sem vergonha, os do *Mundo*, revoltam-se contra quem tem a audacia de falar no crime de Cascaes! Insultam, como se vê hoje n'outra parte d'este periodico, os que ousam fazer reportagem d'esse crime! Clamam que é espirito de má vontade ou de vingança, por os criminosos... serem republicanos!

Que patifes, que patifes! Não ha nada egual na escoria do crime.

Mas são em tudo assim. O França Borges é um *souteneur*, um devasso, um *maitre chanteur*, um verdadeiro pulha. Elle viveu á custa d'uma mulher, elle tem agora outra mulher que dirige os maiores improperios á sua propria mulher e com quem faz luxo em dar escandalo publico, elle vende o jornal a todas as companhias ou emprezas poderosas que lh'o queiram comprar, elle vendeu o jornal ao Leandro publicando entrevistas a peso d'ouro, e elle todos os dias fala no *rei dos adeantamentos*, no reinado do *rei dos adeantamentos*, na *Santa Carlota*, na *Santa Izabel*, na vida intima de toda a gente, com insinuações malevolas de toda a natureza.

O Cunha e Costa abandonou mulher e os filhos, uma mulher honesta a quem, por demais, devia a sua formatura, e não por fortuna que ella tivesse mas pelo trabalho insano a que se entregava para sustentar á barba longa o bandido, uma mulher honesta e umas creanças innocentes, e raro é o dia em que o orgão de prostituição da rua de S. Roque não accusa este ou aquelle de ter abandonado mulher e filhos.

O Cunha e Costa foi gatuno, foi ladrão, gatuno provado, ladrão provado, nunca se defendeu nem defende d'essas accusações, foi monarchico e republicano, e republicano e monarchico, portuguez e brazileiro, e brazileiro e portuguez, isto é, tudo quanto é, quanto pode ser um cavalheiro d'industria, vive com uma mulher casada, ou que era casada quando elle, atraiçoando o marido seu protector e seu amigo, a seduziu e raptou, sendo elle casado tambem e não estando judicialmente separado de sua mulher, o Affonso Costa é outro gatuno, outro ladrão, outro salteador, outro devasso, praticando actos de devassidão aos olhos da sua propria sogra e da sua propria mulher, arrasta por ahi uma vida d'alcouces e porquissimas orgias, levando os seus instinctos de féra até bater na propria mãe, e o jornal de que um é inspirador e verdadeiro director, e outro principal redactor, todos os dias fala em honra, em auctoridade, em amor da familia, todos os dias accusa este e aquelle de commetterem ladroeiras, attentados ao pudor, desvios conjugaes, etc.

E' uma moral especialissima. Moral de quadrilha. Mas a mais infame moral de quadrilha que entre quadrilhas se tem visto.

Nunca se viu uma coisa assim! Não ha exemplo na historia do mundo! Todos os povos, todas as nações, teem tido os seus periodos de prosperidade e decadencia, de grandeza moral e aviltamento. Não ha exemplo d'um aviltamento como o d'este periodo actual na raça portugueza. Nem na nossa historia, nem na historia de qualquer outro povo do mundo.

Porque não se pode dizer que o paiz reaja efficazmente. Ha uma certa reacção. Nós bem a vemos. Mas é uma reacção timida, tão timida que a quadrilha republicana, é incontestavel, domina, em absoluto, a capital do paiz. Em absoluto! E' escusado nega-lo. Nunca se ganha em negar a evidencia.

Em Lisboa manda a quadrilha republicana. Os seus jornaes pronunciam-se d'uma certa fórma, e os outros jornaes receiam logo pronunciar-se de fórma contraria. O *Mundo* disse ao *Diario de Noticias*—**cale a bocca** e o *Diario de Noticias* calou a bocca immediatamente. O *Mundo* dá uma sacudidella no *Diario Popular* e o *Diario Popular* apressa-se logo a vir ás boas. *Novidades* faz o mesmo e quasi todos os jornaes de Lisboa. E se algum reage não reage nunca com a energia que as circumstancias reclamam.

E' vêr o caso de Cascaes! Depois das inconveniencias do *Mundo* em face do *Diario de Noticias* não haveria imprensa monarchica digna de tal nome que lhe não cahisse em cima esmagadoramente. Pois nada. Que nós saibamos, nada!

Isto prova, simplesmente, o que toda a gente sabe e o que nós aqui temos dito por mais do que uma vez.. Em Portugal não ha partidos monarchicos, como não ha partido republicano. E esse é o mal! Em Portugal não ha convicções nem caracter. Ha interesse e interesses. Os partidos são companhia organisadas para explorar o povo, nada mais. O filão republicano é abundante? Tudo explora o filão republicano. E' abundante o filão monarchico? Tudo explora o filão monarchico. Se a monarchia por qualquer circumstancia se fortalece, as convicções republicanas entre os republicanos empallidecem sem demora. Enfraquece a monarchia? Os monarchicos ficam logo com um pé na republica e um pé na monarchia.

E' o caso, agora. O mallogro da tentativa João Franco, a morte do rei D. Carlos, enfraqueceu notavelmente a monarchia. E ninguem se oppoz mais aos desmandos, aos abusos, ás infamias dos republicanos. *Ninguem quer estar de mal com elles.*

Elles são tudo quanto ha de mais canalha, de mais vil, de mais infame? Sejam. Para que mostra-lo ao paiz, se os partidos politicos não teem como objectivo, nunca tiveram, nem a verdade, nem a justiça, nem os interesses do paiz? Bem ou mal formou-se uma corrente republicana? Pois bem ou mal... vamos com ella!

E assim, pela falta absoluta de caracter nacional, absoluta! se comprehende e explica porque reconhecendo *todo o mundo* a vilania, a infamia da moral creada pelo partido republicano, todo o mundo a acceita... submisso.

Em Lisboa mandam elles, os da republica. Na imprensa, nos governos, no Paço, nos partidos. Até no Paço! Embora pareça um paradoxo, e tudo é paradoxal n'este paiz, é um facto. Até no Paço! Ora succedendo isto em Lisboa, e d'esta fórma... tudo é d'elles.

Tudo é d'elles!

O Leandro

Até que emfim! Começou o julgamento do correligionario. E' jury republicano? Está o homem na rua. Isso é pela certa. Só se elle não teve a sorte de apanhar jury republicano. Mas como o jury em Lisboa é quasi sempre republicano, o mais certo é o homem ter apanhado jury republicano.

Então está na rua. E a canalha republicana começa a apregoar que quem deitou o fogo ao predio da Magdalena fo...o director do *Povo de Aveiro*.

Quem deitou o fogo ao predio...fomos nós! E quem assassinou o Nunes Pedro em Cascaes...fomos nós!

Ora ahi está.

Justiça a todos

Recebemos do Sr. Dr. Teixeira de Abreu, lente da Universidade, uma carta que não publicamos hoje por ter chegado tarde, e quando o nosso jornal estava já todo composto.

Irá no proximo numero.

Torre de S. Julião

4 de novembro.

Mas, observam-me, você, pelo menos, não é o jacobino que já foi.

A falar a verdade nunca o fui, se considerarmos o jacobinismo uma questão de processo, como é, e não uma questão d'idéas. O jacobinismo nunca foi, desde a sua origem, uma questão d'idéas. Foi sempre uma questão de processo. Ora como fui eu jacobino se eu sempre sustentei que o partido republicano era e devia ser, acima de tudo, um partido d'educação, sem se preoccupar com a idéa da posse immediata do poder? Sempre!

Era revolucionario e livre pensador? E sou. Mas nunca acceitei a revolução como uma aventura, por um lado, e sempre pratiquei, em materia religiosa, actos de livre pensamento. N'outro dia dizia-me aqui um republicano muito illustre, por mais que o *souteneur* do vergonhoso papel da rua de S. Roque, trapalhão emerito, diga que só tenho sido visitado por padres e thalassas—ainda aqui não veio um unico padre e não sei se veio algum thalassa, mas se viessem seriam recebidos com *muito agrado*, fique-o sabendo a reles jacobinagem de quem não tenho medo algum e a quem não dou, nem dei nunca satisfacções nenhumas, e n'isso está a minha superioridade sobre esses bandalhos que teem presidido e presidem ao partido republicano, pulhas sem vergonha e pulhas com vergonha para quem todo o criterio e toda a linha de conducta se resume em não molestar as susceptibilidades, a estupidez e os bestiaes instinctos d'uma demagogia repugnante—dizia-me aqui um republicano muito illustre que tendo sido convidado pelo presidente da *Associação do Registo Civil* para presidir a um comicio de propaganda anti-religiosa, e objectando-lhe que havia para isso homens mais conhecidos e mais populares no partido republicano, aquelle, o presidente da *Associação*, lhe dissera: «E' que nós desejavamos não entregar a presidencia d'estas reuniões senão a homens, que pelos seus actos, mereçam o nome de livres-pensadores, e percorrendo os nomes de todos os magnates republicanos só encontrámos dois ou tres n'essas condições! Eis porque o convidavamos a você, que, embora novo e menos conhecido, é, ao menos, um authentico livre-pensador».

São *assim*. Esses que andam agora ahi, com o bandalho do Bombardino Rachado á frente, o bandalho que ainda n'outro dia baptisou um filho e casou outro na egreja, a clamar contra o clericalismo, a prégar que estamos sob o jugo da reacção clerical e que é preciso esmagar a reacção clerical, *são assim*. E eu... *nunca fui assim*.

E', porém, certo, não o nego, antes o confesso e affirmo abertamente, que já préguei a intransigencia com o padre, levantando contra elle, tambem, o estandarte da rebellião. Porque o não faço hoje? Porque mudei, n'esse ponto d'attitude? Porque apprendi com a edade, com a experiencia, com o estudo das viagens e com um mais aturado e profundo estudo dos livros. Porque a edade e a experiencia me disseram que não se educa n'um dia, que a obra da educação é lenta, muito lenta, e que não é educar dizer ao povo que os padres são uns patifes e que não haverá progresso emquanto se não der cabo d'esses patifes. Porque a edade e a experiencia me disseram que essa propaganda só tinha um effeito: destruir na alma popular todos os principios da moral religiosa sem que, em vez d'elles, ficasse n'ella germinando um unico principio da sã moral revolucionaria. Porque eu vi com o tempo, com a edade, com a experiencia, que os principios fundamentaes da moral religiosa eram os principios fundamentaes da moral revolucionaria, e que mais valia haver na alma do povo principios de moral religiosa que não haver principios de *moral nenhuma*. Porque me fui convencendo, com o exame de mim e dos outros, que a moral revolucionaria só fructificava em almas d'élite, ou com uma grande instrucção e uma grande educação, as duas coisas reunidas e não uma só, ambas ellas difficeis d'attingir, e que sem isso o homem, em que se tenham apagado as licções da moral velha, da moral tradiccional é, no povoado... um onagro á solta.

O homem, na étape actual da civilisação, ainda é um animal domesticado. Se lhe tirarem a albarda e o freio, e elles mutuamente se albardam e se enfreiam, dá n'um burro bravo inutil e perigoso.

Pretende-se que a albarda seja leve? Que o freio seja doce? Que se alimente e trate bem o animal? Que se não espanque o animal? Sim, senhores, está muito bem. Mas se lhe tirarem a albarda e o freio, e o deixarem em plena liberdade, senhor de fazer o que quizer, só com a recommendação de trabalhar, de se portar bem, de ser util a si e aos outros, a decepção é completa. Ainda não chegou a esse estado de civilisação. Por emquanto, repetimos, é um animal domesticado.

O que tem dado essa propaganda descabellada de *revolta, d'emancipação,* de desrespeito por tudo e por todos? Essa desordem, essa indisciplina espantosa em que nos dissolvemos. A sociedade portugueza dissolve-se em indisciplina, succumbe á desordem. E quem vem estabelecer a disciplina, quem vem manter a ordem? O José d'Alpoim, o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o Centeno, o Bernardino Machado, todos, n'uma palavra os da *moral democratica?* Em nome de que principio? Em nome dos principios que se affirmam agora em face do crime de Cascaes, e que, pela mesma forma ou forma identica, tantas vezes se teem affirmado?

A educação não se faz n'um dia. E' obra lenta e não é obra exclusiva de ninguem. Collabora n'ella o padre e collabora n'ella o leigo. Entre um padre a dizer que ha Deus, mas a praticar e a ensinar actos de virtude, e um revolucionario da laia Arthur Leitão, Ribas d'Avellar, França Borges, etc., a dizer que não ha Deus e a ensinar e a praticar infamias, não ha que hesitar: o padre que crê em Deus e que fala em Deus é muito mais util á sociedade e ensina muito melhor moral que o revolucionario que não acredita em Deus e que diz mal de Deus.

Deixemo-nos de convenções e de formulas tyrannicas. Eu bem sei que a maior parte dos anti-clericaes só são anti-clericaes... porque entraram na corrente dos anti-clericaes. Não teem vontade propria. Não raciocinam. Não pensam. A eterna historia do rebanho de Panurgio. Para onde forem os carneiros da frente, vão os carneiros todos. Mas se raciocinarem um instante, não podem deixar de reconhecer a logica e a verdade do que estamos affirmando.

Quando apparece um padre tratante é um clamor geral a apontar o padre tratante e as tratantadas que elle faz. Mas quando apparece um tratante entre os que vociferam contra o padre e as suas tratantadas, é acclamado o tratante e lapidado aquelle que lhe aponta as tratantadas. Onde está aqui a moral laica? Que vantagens tem essa moral laica sobre a moral religiosa?

Isso quer simplesmente dizer, isso prova apenas que não ha, na essencia, moral religiosa, nem moral laica. Na essencia só ha verdade, só ha justiça, só ha virtude. A justiça é uma só. E' uma só a verdade. E' uma só a virtude. E andar a quebrar lanças, a gastar tempo, dinheiro e sangue, a fazer revoluções a favor da justiça e da verdade em religião ou a favor da justiça e da verdade no livre pensamento, é o absurdo dos absurdos. São formulas. Formulas rigidas. E todas as formulas rigidas são tyrannicas. E' essa rigidez, a cuja sombra se aninham as maiores immoralidades e abusos, que se deve combater; é o predominio absoluto d'uma classe, d'uma associação, d'uma religião.

Foi o que eu fiz. E' o que eu faço.

Mas, n'este instante, qual é o perigo? E' o clero? Quem o dirá?

Qual é aqui a associação perigosa, a associação tyrannica? A associação religiosa? Quem o dirá?

Tinha graça, se eu fugia d'um despotismo para outro despotismo! Da tyrannia de uma formula para a tyrannia d'outra formula! De um dogma para outro dogma! D'uma quadrilha para outra quadrilha; Não! A verdade é uma só! Não ha de vir a Egreja dizer-me: *A verdade é minha; eu tenho o monopolio da verdade; crê ou morres.* Mas tambem não m'o ha de dizer a anarchia, nem o socialismo, nem a republica.

Não! Não é para mim.

Eu bem oiço gritar contra o clericalismo. Mas isso, a mim, não me illude! Isso é velho como o mundo! Eu sei, eu sei! *Chama-lh'o, antes que t'o chamem! Agarra, agarra que é ladrão,* diz o ladrão correndo!

Eu talvez fosse illudido, talvez, talvez fosse tambem illudido, se não conhecesse os ladrões que vão correndo e gritanto: *Agarra, agarra que é ladrão!* Ah, mas eu conheço-os e estou-os aqui desmascarando dia a dia!

Quem pesa sobre esta sociedade não é o *Portugal*, é o *Mundo*. Não é o jornalista padre Mattos quem domina, é o jornalista Cunha e Costa. Não é o estadista Jacintho Candido quem nos ameaça, é o estadista Alpoim, é o immaculado Bombardino, é o parlamentar Affonso Costa. Se é assim, e se o estadista Jacintho Candido é individualmente uma virtude ao pé do estadista Alpoim, do charlatão, do pantomineiro, do tratante, embora hypocritamente se queira encobrir com a capa de santo, do *Calcinhas*, o Bombardino Rachado, e ao pé do grande devasso e grande ladrão Affonso Costa, qual é o perigo, onde está o perigo n'este instante?

O perigo está na demagogia. Na sua fórmula, no seu dogma e nas suas pessoas. Tyrannia de fórmula, tyrannia de dogmas, tyrannia de pessoas. E' esse despotismo, é essa tyrannia que importa combater. Ninguem sente, ninguem vê a tyrannia da Egreja senão no simples facto d'um bispo nomear um professor de padres sem pedir primeiro licença ao ministro da justiça. Mas a tyrannia da republica vêmo-la em tudo e por tudo. A outra não nos fere, nem nos suffoca. Esta fere-nos a golpes de punhal, a golpes de metralha, a golpes de calumnia, a tiro, por todas as formas. Eu posso dizer, sem perigo nenhum, as ultimas injurias contra o bispo ou o padre mais honesto, mais santo que haja em terra portugueza. Sem perigo nenhum? Com successo, com applauso, com vantagens de toda a ordem. Mas a minha existencia e a minha honra correm perigo, sério perigo, dizendo e provando que os magnates da republica são os ultimos bandidos. Se ainda me não esfaquearam a barriga, pondo-me as tripas ao sol, teem-me esfaqueado a honra por todas as fórmas.

Tal é a liberdade, a justiça e a verdade... republicanas!

Fariam o mesmo, nas mesmas circumstancias, os clericaes, dominantes? Sem duvida. Quem o contesta? Sem duvida e n'essas circumstancias seria um dever combate-los *à outrance*. Foi o que eu fiz, quando, bem ou mal, no tempo de D. Carlos, sob a influencia da rainha D. Amelia, quando o sr. Alpoim papava hostias e fazia gala de devoto, os considerei um perigo. Sem duvida, em absoluto. Em relativo, nunca elles em Portugal constituiram a quadrilha que o actual partido republicano representa nem nunca se abalançaram a tantos crimes, a tamanhas infamias. Mas... sem duvida. O que é certo, porém, é que não são elles agora quem domina. E' que não são elles agora quem constitue o perigo. Quem ameaça as liberdades individuaes e as liberdades publicas. E é isso que se discute.

Não dominam como classe, como associação, como partido. Por um lado. Por outro lado nunca o principio religioso impediu, onde os poderes e as influencias estejam equilibradas, onde a liberdade se exerça com respeito mutuo, e é essa a verdadeira liberdade, que haja vida de progresso e de civilisação como ha na Allemanha, onde o sentimento religioso é muito maior do que em Portugal, como ha na Inglaterra, como ha na Suissa, como ha na Belgica, dominado por um partido catholico ha muitos annos, e como ha na propria França, onde o clericalismo teve sempre muito mais influencia do que entre nós.

Foi esta dupla consideração que me levou á attitude que venho mantendo ha uns tempos para cá.

Sobre o caso especial do bispo de Beja ainda não formei opinião segura. O bispo não respeitou talvez quanto devia as *regalias* do Estado. Mas o que é certo é que, por um lado, aquella coisa de Beja devia andar n'uma grande desordem, e que, por outro lado, se o bispo é o responsavel pela educação do seminario não podem deixar de ser da sua confiança os professores do seminario.

Eu morei em Coimbra quasi pegado á casa do fallecido bispo de Beja. Alli o via sempre. E a mim proprio perguntei muitas vezes: «Mas como andará aquillo por lá!?»

Mestre fóra dia santo na loja.

Devia andar n'uma grandissima desordem e tanto andava que, vejo agora, houve medidas ministeriaes a esse respeito. Foi o bispo novo, quiz restabelecer a ordem, e succedeu-lhe o que succede a todo o mundo quando quer metter na ordem o que anda ... em velha desordem.

Por outro lado, é elle ou não é o responsavel pela instrucção e educação ministradas no seminario?

Mas não seguiu o *bom caminho*. Sobre isso é que ainda não tenho opinião segura. Em todo o caso exauctorar o bispo seria mais uma vez *consagrar a desordem*. E nós estamos tão fartos de *desordens* que, francamente, vale a pena saltar um pouco por cima das formulas para *restabecer a ordem*.

E seja como for, o que é incontestavel é que o bispo é um simples pretexto para a quadrilha republicana e dissidente *especular*.

Só em Portugal uma borra d'essas daria motivo...*a uma grave questão clerical*.

Só em Portugal!

H. C.

Coisas Nossas

A policia portugueza é, com raras excepções, tudo quanto ha de mais boçal. Só assim se explica que conspirações tramadas ás escancaras, que conspiradores passeando livremente pelas ruas de Lisboa, como se conta do famoso Aquilino Ribeiro que entrava nos cafés, *sem disfarce*, que ia ao theatro, *sem disfarce*, depois de ter fugido da esquadra do Caminho Novo, deixem de ser descobertos. Com os crimes vulgares succede a mesma coisa. Pois bem. Vão ao extrangeiro aperfeiçoar-se serralheiros, carpinteiros, pintores, professores, por conta do Estado, e nunca o Estado se lembrou de escolher tres ou quatro duzias de policias com aptidões para os fazer *amestrar* em Paris, em Londres, em em S. Petersburgo, emfim, nas cidades onde ha policia ... a valer. Sendo a policia um instrumento indispensavel de segurança e ordem!

Isto é em tudo um paiz unico.

A grande quadrilha

Escrevem-nos do Porto:

Sr. director

No ultimo numero do seu jornal, leio o seguinte:

«O Arthur Leitão até já apanha dinheiro aos pacovios por conta ... do erario!»

Agora pergunto eu: esse refinadissimo tratante ainda anda ahi á solta?

Pois não sabe?!...

Sou informado por pessoa da maior respeitabilidade que esse ascoroso quadrilheiro, em menos de um anno empalmou, comeu, aos accionistas da *Empreza Editora de Propaganda Liberal — oito contos de reis!*

Todo o capital da "Empreza„!

Faz agora um anno, segundo sou informado, que elle andou cá pelo norte de *malinha na mão*, a passar as acções e a fazer a respectiva cobrança...

Dizia elle que os prélos chegavam em novembro... que era preciso paga-los, etc.

Que a Empreza se fundava para facilitar a impressão de todos os escriptos de propaganda liberal...

Que o partido republicano o tinha encarregado de organisar a empreza...

E—note— a todos os individuos a quem se dirigia apresentava um *impresso* com a lista completa dos corpos gerentes, figurando elle na direcção, o Bernardino Machado como presidente da assembleia geral, e o Affonso Costa como membro do conselho fiscal!

Porem, passado um anno, sabe-se que já nem existe Empreza, nem prélos, nem um ceitil do capital subscripto!

Um anno!

Sou informado que nem 6 mezes!

Comeu tudo! Parece que nem os prélos chegaram a vir!

As acções são de 5.000 reis: pois os accionistas não recebem cinco reis!

Oito contos comidos—em menos de um anno!

E o melhor é que aos accionistas ainda não se deu conta do que se passa!

Mudeza sepulchral!

Emmudeceu a direcção ...

Emmudeceu a assembleia geral...

Emmudeceu o conselho fiscal...

Em summa, a Empreza já não existe, segundo me informam, o *capital* eclipsou-se, e o certo é que os accionistas ainda hoje esperam que alguem lhes dê conta dos actos da administração!!

Ao que se vê, todos os quadrilheiros da republica pactuaram com esta tremenda ladroeira. Até o Bernardino Machado, o vigario de Christo na terra! — o santo!

Imagine-se o que será o dia de amanhã... com a republica a governar-nos...

Se o Leitão já assim procede quando a republica é ainda uma *esperança*, o que não fará elle quando ella for um facto!

Registe, sr. director, mais esta inconfundivel prova de honestidade dos «*homens de bem da republica*».

Se precisar de informações complementares, fico ás suas ordens.

D. C.

Diz o correspondente que todos os quadrilheiros da republica pactuaram com a *tremenda ladroeira* referida. Não. Não diga que pactuaram. Diga que *foram elles os verdadeiros auctores da ladroeira*. E n'esse *elles* não mettemos nós o Affonso Costa, nem o Cunha e Costa, nem quejandos. Não. O Affonso Costa, gatuno, não seria d'admirar. Nem o gatuno Cunha e Costa nem outros gatunos da mesma laia. *Elles*, os *elles*, a que nos referimos, a que nos queremos referir, são as *figuras mais luminosas do republicanismo indigena*.

Pois a *quem deveu* o Arthur Leitão o dinheiro que apanhou senão á *égide protectora* do nome *immaculado* de Bernardino e d'outros *immaculados?* O Leitão tinha uma reputação detestavel. Todos, mais ou menos, o conheciam. Mas se o Leitão apparecia sob a *égide dos immaculados* é porque o Leitão...estava regenerado.

Não o dizemos por dizer. Levado apenas pela logica do raciocinio. Dizemo-lo *com conhecimento de facto*. Um dos influentes da empreza, dos que mais trabalharam na sua constituição, era nosso velho amigo. Pasmado de o vermos mettido n'aquillo dissemos-lhe: «Então você não conhece o Leitão?» «Está regenerado!» Abrimos os olhos; cada vez mais pasmado! «Está, está. Então Fulano e Sicrano, que o conhecem perfeitamente, assignavam isto — e mostrou-nos um papel a recommendar a coisa—se não vissem que o homem tinha mudado de vida?»

Ficámos tão enojado que voltámos as costas e nunca mais pozemos o pé em casa d'esse amigo, onde, aliás iamos quasi todos os dias. Foi elle que nos appareceu passados dois mezes a dizer-nos: «Você tinha razão, Eu abandonei aquillo. E' uma corja de ladrões!»

Ora ahi tem o correspondente. E' claro que quem via o Bernardino e outros a recommendar a empreza á testa da qual apparecia o Arthur Leitão imaginava que o homem, como o Pad Zé e outros, tinham posto termo nas estroinices de rapazes. Contavam-se coisas pasmosas do estudante Arthur Leitão e do estudante Pad Zé, sobretudo do primeiro. Mas não seriam coisas d'estudantes? Eram, e a prova estava no facto dos immaculados apparecerem, quando os *estudantes estroinas* entravam *como homens* na vida publica, *a recumenda-los*. E os pacovios cahiam com a *massa*.

Quem roubou, verdadeiramente, não foi o Arthur Leitão. Foi o Bernardino e os outros.

O que esmaga o partido republicano —temo-lo dito cem vezes—o que precisamente o define como uma formidavel e perigosissima quadrilha é isso: é que os melhores, *os bons*, encobrindo e protegendo os maus são peores do que os maus. Os maus, ao menos, não são hypocritas. São o que são. Mas os malandros que os admittem, que não protestam contra as infamias que elles praticam, que chegam mesmo a recommenda-los, a protege-los, a defende-los dizendo-se *homens de bem* são uns refinadissimos hypocritas.

Ha dias ainda contava-nos um amigo: «Eu estava em casa de Fulano. De repente entra Sicrano (um influente regenerador do districto de Castello Branco).

—Oh, você por aqui? Então quando chegou? Então quando veio?

—Cheguei agora.

—Então coisa d'importancia?...

—Oh, se lhe parece... O Arthur Leitão que já estava na Imprensa Nacional como administrador de Idanha-a-Nova! Imagine! Tive noticia d'isso e vim a correr. Eu queria lá o malandro do Arthur Leitão administrador do concelho em Idanha-a-Nova! Já fui ter com o Hintze e obriguei-o a emendar a mão».

O amigo concluia que este facto era *inteiramente* conhecido dos republicanos.

Isso era. Estavamos nós em Coimbra quando o Arthur Leitão andava já por Alcains, ou por esses lados de Castello Branco. Não frequentavamos em Coimbra clubs nem centro algum de palestra. Mas passando um dia, n'essa occasião, pela rua Ferreira Borges, parámos a conversar um instante com tres ou quatro republicanos que estavam á porta da drogaria Rodrigues da Silva. E logo nos falaram no caso escandaloso de Arthur Leitão *se ter passado* para os regeneradores.

—Tambem, concluiram, não era d'esperar outra coisa d'aquelle malandro!

Sabiam tudo. Bombardino cnotou-nos que quando Leitão, cahido Hintze, quiz regressar ao partido e se falava em elle entrar para a redacção do *Mundo*, os de Coimbra se pozeram á tesa com o França Borges. Comtudo entrou. Parece que não entrou n'essa occasião. Mas entrou depois. E entrou porquê? Porque o bandido andava pelo Martinho e pelo Suisso a dizer que o Affonso Costa era *um malandro* e que lhe havia de pôr a *calva á mostra*. Ora o Affonso Costa, cheio de pôdres, com um grande cadastro d'infamias, sabendo que o Leitão lhe conhecia toda a chronica e que *era homem para tudo*, temeu-se e levou o França Borges a admittir o Arthur.

E' *tudo* uma grande corja de malandros. Esses que nos diziam em Coimbra —onde a quadrilha tambem é de primeira ordem — mal do Leitão, as ultimas coisas do Leitão, faziam causa commum com elle pouco depois. Uma grande corja de malandros. Emfim, uma quadrilha, uma famosa e authentica quadrilha, desde os *mais immaculados* até aos *mais maculados*, desde a direita até á esquerda, com excepcão de dois outros que ninguem sabe porque extremos de fraqueza se conservam solidarios com tamanha malandragem.

De resto, a chronica d'esse Leitão é immensa. Hoje só vae esta.

Foi elle o promotor da manifestação dos estudantes do 5.º anno de medicina ao velho lente João Jacintho, que, embora muito modesto, ficou naturalmente consolado com aquella, aliás justa, prova de consideração e estima que lhe davam os rapazes. Muito bem. Pouco depois Leitão pedia a João Jacintho para o abonar n'uma lettra de quatro centos mil reis. E como se fosse pouco, deixou ... protestar a lettra em Lisboa.

João Jacintho mandou a correr uma pessoa de sua familia pagar a lettra. E dizia: *Vá lá os quatro centos mil reis, mas deixar protestar a lettra ...*

Um patife da ultima especie.

Segue outra carta, que nos mandam de Leiria:

Sr. redactor:

No «Povo de Aveiro» de 24 em um artigo sob a epigraphe—Hespanha—diz V.: «O Arthur Leitão até já apanha dinheiro aos *pacovios* por conta do erario». Como soube V. isso?

A este respeito, como V. em alguns numeros do mesmo jornal tem mostrado desejos que com verdade lhe deem alguns dados que definam aquella gente que teima em querer passar por honrada, vou contar-lhe muito pela rama um caso que se deu n'esta cidade com o tal dr. Arthur Leitão. Primeiro que tudo, e julgo que lhe não dou novidade alguma, o tal dr. Leitão é um grosseirão, atrevido e malcreado; em summa tem a linha para ser um bom republicano á portugueza, como em Portugal se entende que deve ser um bom republicano. Deus me livre d'elles, e com os seus processos de combate cada vez me afasto mais de tal gente,—entenda-se bem, de tal gente, não da republica, que é um governo como outro qualquer, é de tal gente, com a qual V. já teve a infelicidade de se emparceirar. Adeante;—vamos ao assumpto principal.

Aqui ha mezes, subitamente, appareceu em Leiria o dr. Arthur. A colonia republicana alvoroçou-se logo. Era o Arthur Leitão um republicano de nomeada, que tinha chegado e a colonia composta na sua maioria da classe commercial, levada a isso e republicanisada pelos caixeiros viajantes, mas que como democratas convictos repelem a classificação para se adornarem com a de empregados do commercio por ser mais pomposo,—a classe commercial, levada a isso, como ia dizendo, pelos caixeiros viajantes pela dependencia em que se acham com as casas que representam, não tardou a prestar-lhe as suas homenagens. E' claro, o Arthur apresentou-se ao mais cotado—o mais abonado—e expoz-lhe a sua missão. Que vinha encarregado de dar parte aos correligionarios d'uma grande empresa em via de organisação,—uma typographia modello, aonde se imprimiria um grande jornal—*A Republica*—que em poucos mezes daria com a monarchia em terra, *caso* se podessem collocar um certo numero de acções, parece-me que de 10:000. Que vinha percorrer as principaes terras da provincia; que os lucros eram certos; que a republica se ia implantar e que ella saberia recompensar, etc., etc.; para abreviar, V. poderá fazer ideia de todo o palavriado que empregou para conseguir os seus fins.

Mas note V. a esperteza do homem; expoz as cousas como vindo *apenas* vêr se poderia colher o numero de assignaturas precisas que cobrissem a emissão das acções, mas depois... vae vêr:

De manhã acompanhado do apresentante correu as casas dos pacovios, como V. lhe chama, e como a coisa estava em vel-o-hemos e o que se pedia era *apenas a assignatura* fez o homem farta colheita. Houve até quem assignasse com 10 acções com medo talvez de rateio! Isto até tem graça e provoca o riso.

No mesmo dia, de tarde, mas agora só, sem a companhia do apresentante dedicado correligionario, o homem apresentou-se de novo aos assignantes com um masso de recibos impressos, a receber as importancias subscriptas entregando em vez de acções um recibo a que chamava provisorio!

Veja V. que grande intrujão!...

O que é certo é que o patife alguma cousa lucrou com a espertesa, porque, comquanto a todos causasse admiração tanta audacia, uns acovardaram-se, roeram-na e pagaram; outros recalcitraram, mas pagaram tambem; outros finalmente recalcitraram e não pagaram. Com estes é que foi o bom e o bonito. Foram enxovalhados por palavras e um commerciante, o sr. Caetano Rodrigues Fadigas, disse-me que esteve mesmo para o pôr fóra do estabelecimento e que o faria se o intrujão tão precipitadamente se não retira. Foi assim a meu ver que se fundou o jornal *A Republica*.

Não posso dizer a quantia com que os pacovios cahiram, mas devia ainda assim ser quantia importante.

D'aqui não sei para onde o homem foi, mas com certeza não veio só a Leiria. D'aqui em outras terras iria pôr em pratica o seu processo de primeiro colher só assignaturas e depois cair de chofre sobre as suas victimas, que não saberiam como não souberam os de Leiria repellir a espertesa.

O que mais lhe posso dizer a este respeito é que os pacovios d'aqui viram o seu dinheiro mas foi no acto da entrega e nuuca mais .....

.....

Mas quem é este sr. Arthur Leitão? Esteve aqui ha mezes como governador civil o sr. Arthur Leitão que era de Penacova; aquelle é de Coimbra.

O de Penacova contou: «Tenho passado por vergonhas sem conta e por ter a infelicidade de ser meu homonymo um patife que ha em Coimbra e morámos até na mesma rua. Cartas que eram para elle iam ter a minha casa e que eu abria inconscientemente. Versavam invariavelmente a pedirem dividas, umas de taberneiros por esturdias e vinho; outras d'alquiladores por obsequios de carros, etc., etc.

Quando não iam cartas eram os proprios a baterem-me á porta a descomporem-me. Mudei de casa e de rua, mas nem assim consegui completo descanço.

E' com homens d'esta laia que se quer implantar a republica!

II

Sr. redactor:

Lisboa, 3 de novembro de 1909.

Na minha carta anterior dei expansão á admiração pela vossa obra de revoltado e de justo. Fiquei contente comigo mesmo. Depois d'ella os meus nervos normalisaram-se e agradecendo-vos o abrigo que me desteis prometto continuar; collaborando com vosco na obra de saneamento indispensavel para ser iniciada a verdadeira ressurreição d'esta Patria que agonisa; que estremecemos, que outra coisa não é senão o nosso lar, a nossa familia e o nosso Eu.

Seja qual fôr o futuro que vos está destinado; enforcado, envenenado ou apunhalado pelas costas, pois tudo é licito esperar n'este meio prevertido e dominado por acratas da peor especie, a vossa obra ficará. Jámais os farçantes conniventes no crime de que tem sido constantemente victima o paiz, quer sob a bandeira azul e branca da monarchia quér sob a encarnada dos falsos republicanos, conseguirão lavar da fronte o ferrete de ignominia que lhe estampasteis na fronte porque a sua obra tem sido nefasta e é digna de maldição. Jámais conseguirão separar-se porque juntos se crearam, juntos tem vivido e juntos tem de morrer. Anarchistas do Poder servindo a monarchia como ámanhã serviriam a republica; para se sustentarem, tiveram de crear e deixar medrar a anarchia da rua de que tem sido delegados, com a qual vivem de facto e porque são a mesma e uma só—*o partido acrata*. E' a este partido que pertencem os falsos democratas, os verdadeiros jesuitas que sob o rotulo de regeneradores, progressistas, republicanos e livres-pensadores, censuravam D. Carlos porque abandonava o Poder nas mãos dos chefes dos partidos da rotação, trocando o trabalho de fiscalisação dos actos d'elles pelos prazeres da caça; os mesmos que depois o censuraram e pretenderam metter a ridiculo quando D Carlos, extincto por impraticavel o recurso á reducção dos juros da divida publica, exgotada a têta do imposto e resolvida a questão dos tabacos, emfim... empenhada a ultima prata da casa, julgava ter um periodo de calmaria que consentisse o inicio da redempção da Patria, começou a presidir aos conselhos de ministros, intcirando-se e pondo-se a par dos negocios correntes; tentando lançar a politica portugueza em novas bases. O seu governo governou como nunca nenhum governo governou em Portugal mesmo no dizer de alguns republicanos, tanto que tendo algumas leis promulgadas por elle sido suspensas ou alteradas, ainda nenhuma foi revogada, exceptuando os decretos politicos da dictadura que a necessidade de defeza impunha, D. Carlos viu a sua obra de unico representante legitimo do povo portuguez contrariado ignobilmente pelos falsos amigos do paiz, que só pelo assassinato covarde de 1 de fevereiro conseguiram assenhorear-se novamente do poder, não sem dar ao mundo o espectaculo proprio do Dahomey:—a celebração do triumpho, tripudiando sobre os despojos das victimas! Arre malandros! Arre bandidos! Esse rei foi morto, mas o homem foi libertado.

Morto de frente, atirado pela janella fóra, victima da revolução como Alexandre da Sérvia?

Despedaçado por uma bomba, em nome de um principio? Não. Foi morto por assassinos vulgares acompanhados e incitados por sicarios que se escondem sempre que adivinham perigo; foi morto, não em nome de principios, mas para servir fins. Os que lhe tiraram a vida não morreram dando vivas a uma causa, como os assassinos de Carnot, de Mac-Kinley e de tantos outros; morreram defendendo-se emquanto poderam, a tiro e á dentada, como surprehendidos, por não terem conseguido a impunidade promettida, pelos que os acompanharam e pelos cumplices, que não perderam o momento de confusão para se pôrem em fuga, ou que não chegaram a sahir de suas casas, onde estavam muito mais ao abrigo de suspeitas e das ballas. São estes farçantes, estes bandidos que choram sobre o cadaver de Ferrer; confundindo as manifestações do extrangeiro dos que como nós não admittem a pena de morte embora pela necessidade que a sociedade tem de se defender se reconheça a necessidade da sua existencia, com as dos da Internacional que o *retrogrado* e *jasuita* Karl Marx, o patriarcha do socialismo moderno, obrigou a separar-se do partido que elle dirigia e mentalisava. Disse Lépine que a maioria dos manifestantes de Paris eram *apaches*, e assim devia ser. O velho commissario de policia de Paris sabe bem quem elles são; porque a Internacional, na sua grande maioria, em Paris e em toda a parte só por *apaches* é constituida. Em vista dos factos; perante os precedentes; n'este meio em que se não descobrem, os criminosos de 1 de fevereiro; em que nada se averiguou a respeito da morte do engraxador no hospital de S. José; em que pouco ou nada se sabe do crime de Cascaes nem das bombas; mas onde se pune quem rouba um pão, é natural e quasi certo que não triumpheis immediatamente; é até possivel que vos tirem a vida como fizeram a D. Carlos, mas a vossa obra ficará porque o paiz lendo-vos começa a vêr claro, isolando os falsos prophetas, e acabará esmagando-os a todos.

Jesus prégou nas trevas; a sua doutrina tão sublime que creou a civilisação tal qual a comprehendemos, só brilha onde ella predomina, e é a verdadeira dynamica que tem feito e faz evolucionar a sociedade; todavia prégou-a a corruptos e... morreu entre ladrões. As vossas palavras de revoltado e de Justiça jámais serão esquecidas.

Sois um *desqualificado* para os *inqualificaveis* e a sós desnorteasteis e horda semeando o pavôr nas suas fileiras.

Rugem, resmungam monosyllabos, mas não vos aniquilam oppondo factos a factos e raciocinios raciocinios. Desnorteados porque não esperavam que alguem tivesse a audacia de a sós, sair a frente de tão numerosa e organisada quadrilha escondem-se pelos cantos rugindo como a féra submettida pelo ferro em braza do domador. E' preciso não vacilar, não ter um momento de desa-

nimo que pelas féras seria aproveitado para vos dilacerarem. Ferro em braza é o que elles todos precisam em quanto derem signaes do ultimo alento de vida; e só então cessará a oppressão do povo que é exercida não porque nas leis não existam os principios progressivos; mas porque uns baralhando as ideias de ouvintes e leitores em nome da instrucção, occultam as verdadeiras causas; e atacando symbolos poupam os agentes de ella, para os outros e todos juntos sugarem em socego o sangue do povo. Qual vendedor dr elixires, dize-se que o *Malucão Mór de Rilhafolles* vae com a sua quadrilha chamada Junta Liberal celebrar *batuques* pelo paiz fóra, para reclamar liberdade, elle que tanta tem para dizer asneiras e para abandonar os clientes que a sociedade e as familias lhe confiaram, e para protestar contra a reacção.

Quando acabarão estes arlequins? Quando deixarão de ser ridiculoe? Então os imbecis pensam que portugal é Lisboa? Pensam que nas provincias não ha quem saiba que o clericalismo que elles inventaram, como tantas lendas, para just.ficar as suas palavras que occultam fins inconfessaveis, não existe nem pode existir, nem tem necessidade de existir, como existe nos paizes onde ha liberdade de cultos, onde as differentes Egrejas lutam entre si? Ou chamam clericalismo a qualquer agrupamento composto de cidadãos portuguezes no pleno uso dos seus direitos que tem a audacia de não ir na corrente que lhes é favoravel? Seja como fôr, o que é preciso é prevenir as provincias.

E' preciso prevenir os mandões locaes, que: quando elles lá forem *instruil-os*, impingindo-lhes gato por lebre, é a occasião de mostrar amor pelo povo; contra elles e contra o governo que por conveniencia, não dá ordem aos seus representantes nos concelhos para lhes prohibir as reuniões.

São os mesmos republicanos que foram corridos da provincia, são as acratas. Vão disfarçados em *libaraes* porque o palavrão é sonoro e misturam-se com alguns que servem a monarchia para illudirem e sairem incolumes da empreza.

E' indispensavel arrancar-lhe o disfarce e correl-os como fizeram á facção republicana. A' pedrada, a tiro e por todas as maneiras é preciso combater estes *jasuitas* modernos que trocaram a sotaina pela fatiota do ultimo figurino, para em nome dos principios falsos continuarem a explorar o povo. Os antigos *jasuitas* encheram a Europa de Universidades e escolas; foram elles que crearam o espirito de Voltaire; os modernos, os portuguezes pelo menos, criam, apoiam e defendem salteadores e incitam faccinoras, nos governos e fóra d'elle. Fazel-os victimas do proprio racionalismo que apregôam, é um dever civico.

Para a frente, pois!

Ignotus.

Musa alegre

I

AO ACCASO

Difficil como burro a rima *em ublica!*...
No entanto lá vae. *O' Toino Zé,*
heroeco defensor da... agua-pé
levanta a voz n'um viva pla republica.

Ali vem perto *o Tranca* em ar de troça
olhava cabisbaixo para o chão
com barbas que envergonham *Chico Anão*
e trombas que denotam muita fossa.

Deitada na valeta, desgrenhada
chorando a sua honra conspurcada,
jazia uma mulher desfallecida.

O' Toino Zé, mais alto berra ainda
em voz esganiçada, louca, infinda...
... *e o Tranca* reconhece a Margarida.

—†—

II

UNHA E GOSTA

Pasmae oh! Povos! *Sou republicano!!*
Outr'ora fui monarchico a valer;
Mas o destino avaro e deshumano
pousou-me a pata em cima;—pôz-me a arder,

E eu n'esta chama viva, abandonei
minha mulher e filhos. O Futuro
devia até lançar para um monturo
a honra que eu ha muito despresei.

Deixal-o Pouco importa! Viva o França
e mais a minha ideia que não cança
de ferro em punho contra a clericalha.

D'ahi quem sabe lá se ainda um dia,
eu não serei—já morta a monarchia—
um bello presidente—da Canalha?!...

—†—

III

EL-PRESIDENTE

Cá vou *machado* em punho, e o barrete
vermelho e bem recurvo, para a lucta.
Eu sou *o Bem bomsinho* que desputa
o throno do regimen do cacete.

Sou livre-pensador. A padralhada
hydrophoba e malina, é sanguesuga
que deve ser depressa lapidada
ás ordens do Petiz e do Pechuga.

Eu já lá vou tambem; mas antes disso
deixae satisfazer-me um compromisso
tomado co'a mulher esta manhã.

E' coisa de somenos. Simplesmente
ir baptisar um filho christãmente,
que emfim... minha mulher não é pagã...

Nosquoque.

VÁRIA

O Polo Sul

Ha todos os motivos para acalentar a esperança de vermos a descoberta do *polo sul* no proximo anno de 1910. Os diversos exploradores que teem tentado a solução do problema estão cheios de confiança nos resultados das suas emprezas. Ao lado da expedição Charcot, que passa o seu segundo inverno nas regiões antarcticas, esperando-se com impaciencia as noticias suas ou o seu regresso, ha que citar os preparativos de tres novas viagens. O capitão R. F. Scott, da marinha ingleza, que já commandou o *Discovery*, em 1902-1904, pôr-se-ha em marcha antes de 1909 auxiliado pelo governo inglez, a Sociedade Real de Geographia e muitos financeiros que se juntaram para esse fim. Scott cercou-se, d'esta vez, de recursos inteiramente praticos. Estabelecerá, nas diversas estações onde assentar quartel general, postos de telegraphia sem fio que lhe permittirão não se deixar surprehender pelas terriveis consequencias da falta de communicações.

O tenente Shackleton, cujo heroismo toda a imprensa este anno saudou, renovará as suas façanhas sem duvida com a firme intenção d'attingir o fim d'esta vez suprimindo nas melhores condicções possiveis as eventualidades d'accidentes ou faltas de viveres.

Emfim, parece que Cook e Peary, ou um d'elles pelo menos, querem disputar a conquista do polo sul como fizeram, dizem, a conquista do polo norte.

Scott e Shackleton munir-se-hão de trenós automoveis, cujas vantagens este ultimo já conhece. Scott affirma, alem d'isso, que é facil chegar ao polo sul desde que haja abundancia de viveres e sabe-se que Shackleton só por falta d'elles deixou de lá chegar.

—†—

Chloroformio

As syncopes provocadas pelo chloroformio podem ser efficazmente combatidas por um apparelho electrico transportavel cuja construcção é devida a uma doutora russa, a senhora Robinoritch. Este apparelho pode ser utilmente applicado quer nos accidentes resultantes de correntes electricas, quer nos resultantes do emprego dos narcoticos, chloroformio ou ether. As experiençcas foram feitas primeiramente sobre cães aos quaes o chloroformio tinha determinado a asphyxia quasi completa. O mesmo methodo foi applicado com successo a uma mulher victima d'uma syncope grave depois de ter sido privada de repente da morphina e que em vão se tinha tentado chamar á vida pelos processos mechanicos. Foi resuscitada electricamente em trinta segundos.

—†—

Estatuas

As ruas, squares e praças de Paris vão ver enriquecidas com mais umas poucas d'estatuas. A de Sardou, na praça da Magdalena, a de Coppée no boulevard dos Invalidos, a de Madame de Staël no boulevard Malesherbes, a de Zola na praça Dauphine, a de Stenhhal no square Louvois, a de Clovis Hugues em Buttes-Chanmont.

—†—

Paz armada

Apesar dos protestos pacificos de todos os soberanos, os effectivos actuaes dos exercitos europeus são formidaveis. Em 435 milhões de habitantes, a Europa tem 4 milhões e um quarto sob as bandeiras. Por trinta operarios, um é soldado. Em pé de guerra a proporção é cinco vezes maior. A França tem 602:000 soldados. A Allemanha 634:000. A França tem um soldado por cada 65 pessoas; a Allemanha um soldado por 89 habitantes. No reinado de Luiz Filippe a proporção franceza era de 1 soldado por 100 habitantes. De 1869 para cá os effectivos da Europa duplicaram e com elles as despesas, despesas que chegam hoje, segundo os calculos mais exactos, a mais de 6 biliões e 725 milhões de francos — sete centos e trinta mil e quinhentos contos de reis. Já é!

—†—

Allemanha

A marinha mercante allemã continua nos seus progressos. Ha dez annos que elles não cessam. Como se sabe, a grande prosperidade economica da Allemanha data da conclusão dos tratados de commercio, em 1893 e 1894. Ora foi a marinha mercante que permittiu aos negociantes e industriaes conquistar novos mercados nas regiões affastadas do globo. Os capitaes accodem cada vez mais ás sociedades de navegação e construcção maritimas. As subvenções do Estado não são precisas. A empreza Hamburgo-America, que tem 387 navios, não recebe subvenção nenhuma do Imperio. Hamburgo é hoje o ponto de chegada e partida de 128 carreiras, 81 com bandeira allemã, 35 com bandeira ingleza e 11 com bandeira franceza. Em 1883 ainda a bandeira extrangeira dominava a bandeira allemã.

Quanto á emigração allemã para os Estados Unidos decresce desde 1881 (30:000, pouco mais ou menos, actualmente). Mas a dos outro paizes por via de Hamburgo cresce: 338:000 para a Austria-Hungria, 285:000 para a Italia e 258:000 para a Russia.

—†—

Londres

O *London Conty Consil* acaba de publicar o relatorio demographico da metropole da Inglaterra relativamente ao anno de 1908-1909.

A população de Londres propriamente dicta attingiu, em 30 de junho ultimo, a elevado cifra de 4.835:962 habitantes. A de Londres e suburbios 7.557:190.

Já é! A mortalidade media d'esta colossal agglomeração humana era apenas de 15 por mil.

Durante o anno de 1908 os caminhos de ferro que circulam em Londres transportaram 356 milhões de passageiros, os tramways 590 milhões e os omnibus 276 milhões.

—†—

Exposição de Bellas Artes

A exposição internacional de Bellas Artes e o concurso internacional de architectura, que se realisam em Roma em 1911, por occasião das festas commemorativas, annunciam-se como particularmente interessntes. Os architectos procuram encontrar o melhor typo d'uma *casa moderna* e estabelecer os melhores dados para a sua contrucção. O comité inpirou-se felizmente na idéa de mostrar os progressos realisados durante trinta annos, na originalidade dos typos architectonicos, na variedade da decoração, na elegancia e utilidade pratica da mobilia, etc.

—†—

A temperatura das estrellas

Resulta dos calculos do sr. Nordmann que se pode determinar a temperatura das estrellas baseando-se sobre observações photometricas. A temperatura do sol seria de 5:990°., uns, segundo outros sabios, de 6000 graus. A temperatura da estrella polar elevar-se-hia a 9:800 graus.

Aviso aos patriotas

O ultimo numero do *La Revue* (1 de novembro) contem isto, textalmente:

"Le récent ouvrage d'un missionaire anglais, Charles Swan, intitulé *l'Esclavage d'aujour'hui—Une vue de la position actuelle en Afrique* jette une triste lumière sur le commerce des esclaves qui se poursuit dans les possessions portugaises aux Inds (nas Indias não está má). L'auteur connaît les contrées dont il parle, il possède les différents dialectes des natifs; il a pu voir ce qu'on cache aux auctorités officielles et entendre les plaintes lamentables des pauvres nègres. Angola est le point central de la traitre, qui se dissimule sous le nom de *contract labor*, sorte de travaux forcés par contrat. A Angola, à San Thome, à Prince les planteurs entretiennent de véritables esclaves. On les charge sur les bateaux, qui les trausportent aux îles portugaises, comme un véritable bétail de travail. Il y a dans le livre de Swan des témoignages, et des photographies, qui sont un vrai martyrologe de la souffrance humaine. — *Oui, dit l'auteur, ces malheureux nègres sont soi-disant de libres travailleurs, mais comme le troupeau de moutons qui a la liberté d'aller à l'abattoir.*

Ficam os patriotas, os que ainda não sabiam, prevenidos.

—†—

A aerostação e a loucura

H. Gregoire publica um artigo na *Grande Revue* a dizer que os malucos tiveram sempre a mania de conquistar o ar. Em todos os tempos appareceram magicos a imaginar que não tinham o corpo submettido ás leis do peso e que podiam *voar* e attingir o céo sempre que quizessem. Os recentes progressos da navegação aerea, accrescenta o sr. Grégoire, teem feito augmentar essa especie de malucos.

—†—

Fanatismo

O sr. Bertrand, publicando um artigo na *Revue des Deux Mondes* sobre *relegiões no Oriente*, diz que o fanatismo islamita é sempre o mesmo e que quem espera pelo *breve triumpho* do livre pensamento no Oriente está... a nadar.

Isso até cá em Portugal, meu senhor! Não é preciso ir ao Oriente. Triumpho do livre pensamento! Que leria!

—†—

Concordamos

Lacombe publica na *Revue politique et parlamentaire* um artigo sustentando que o maior erro praticado pelo partido radical socialista em França foi estabelecer alliança com os collectivistas, não vendo que estava a tratar com os seus mais perigosos inimigos. E a proposito cita que os peores adversarios das Constituintes, em 1793, foram os Montanheses, pois estes, mais que os realistas, é que fizeram abortar a revolução liberal e parlamentar das Constituintes, lançando a França no absolutismo.

Sim, senhor, sim, senhor. Por cá tambem ha d'isso.

—†—

Allianças

No *Forum*, de Nova York, o sr. Matey publica um artigo intitulado: *As alliançcas pró e contra a França.* O sr. Matey toma como ponto de partida a data de 1879, em que se fez a alliança entre a Allemanha e a Austria. Pouco depois a Italia adheriu a essa alliança. Seguiu-se a alliança franco-russa, a approximação entre a Italia e a França e entre a França e a Hespanha, e por ultimo o accordo entre a França e a Inglaterra. Segundo o sr. Matey este é o facto culminante da diplomacia em questões de alliançcas.

Matey admira muito a habilidade de que a França tem dado provas.

—†—

Divorcio

Na Inglaterra ha o divorcio, como se sabe, mas a lei só admitte o divorcio em caso d'adulterio. Pode um homem ser bebedo ou ladrão, abandonar a sua casa ou a sua familia, recusar alimentar os seus, mesmo cohabitar com a sua mulher, que esta não tem o direito de reclamar o divorcio. Ha 60:000 loucos casados. Como a loucura não é motivo para divorcio o homem de juizo casado com mulher louca fica preso a ella eternamente, ou vice-versa.

Em Inglaterra estabelece-se agora uma corrente no sentido da modificação da lei.

—†—

Um exercito d'empregados

Nada menos de 643:889, em França, assim divididos por ministerios: ministerio das finanças 133:603; ministerio da justiça 12:335; ministerio dos cultos 40: ministerio dos negocios extrangeiros 915; ministerio do interior 6:971; ministerio da guerra 162:405; ministerio da marinha 53:692; instrucção publica 131:420; bellas artes 1:578; commercio 3:272: trabalho 444: colonias 1:242; agricultura 7:665; trabalhos publicos 19:135; correios e telegraphos 108:872.

Não contando os funccionarios departamentaes e communaes. Com esses ha perto d'um milhão.

—†—

Trusts e syndicatos

O *Daily-News* publica interessantes informações sobre a lucta travada na America entre os *trusts* e os syndicatos.

Os *trusts* procuram substituir a mão d'obra pelas machinas. Em 5 annos o numero das machinas empregadas nas minas duplicou e por conseguinte o numero d'operarios empregados nas mesmas explorações diminuiu proporcionalmente.

Morgan, o rei do aço, procura por seu lado annicquilar os syndicatos operarios, para o que offerece salarios elevados e contractos a longo praso aos melhores operarios, comtanto que elles deixem de fazer parte dos syndicatos.

—†—

Caminhos de ferro

A séde mundial dos caminhos de ferro attingia, no fim de 1907, uma extensão total de 957:283 kilometros. O capital empregado na construcção das vias ferreas do mundo inteiro era, no fim do mesmo anno de 1907, de 260 biliões, numeros redondos. Eram excluidas das estatisticas as linhas de tramways que n'alguns paizes fazem o serviço dos caminhos de ferro ordinarios, e bem assim os tramways electricos e outros transportes por via ferrea de caracter restricto.

Os 957:283 kilometros da rede mundial dividiam-se pelas cinco parte do mundo d'esta forma: Europa 320:810; America 487:506; Asia 90:577; Africa 29:798; Australia 28:592. Só os Estados Unidos tinham maior extensão kilometrica de linhas ferreas que a Europa toda—36:991; ou seja mais 49:181.

Proporcionalmente á extenção territorial a nação do mundo com mais linhas ferreas é a Belgica e proporcionalmente á população é a colonia australliana de Queensland.

O Povo de Aveiro

Vende-se

AVEIRO—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça o Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Haveneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Narciso Rosa, rua do *Diario de Noticias*, 205; João Duarte, rua do Campo d'Ourique, 95, 97.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256.

MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100

COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27

ALCOBAÇA—Antonio Vazão.

GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp

CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.

PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.

VENDAS NOVAS—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.*

SETUBAL—Manuel Tavares.

ARRONCHES—Miguel Maria.

ESPINHO—Kiosque Reis.

MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.

VIZEU—Kiosque do Rocio.

CHAVES—Annibal de Barros.

VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.

MANGUALDE—Bento d'Almeida Campos.

MONTE ESTORIL—Gare.

S. PEDRO DO SUL—José Augusto d'Almeida.

FÁRO—Francisco Matheus Fernandes.

EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.

CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.

VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.

CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.

REGUENGOS DE MONSARÁS—R Antonio João da Cunha.

PADERME—ALGARVE—Antonio Anacleto d'Oliveira,

TORRES NOVAS—João Rodrigues Sentieiro.

AMARELEJA—MOURA—Manuel Frade.

CASTELLO BRANCO—Vende-se pelas ruas.

MONTEMÓR O NOVO—Fortunato Reinato.

TONDELLA—Mario do Carmo.

PEDROGAM GRANDE—Adelino Lourenço. dos Santos.

IDANHA A NOVA—Christiano Pereira Barata.

GUIMARÃES—Antonio Araujo Salgado.

BRAGA—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24.

TABOA—Francisco da Costa Carvalho.

MONSÃO—João da Silva Guimarães.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Antonio Augusto Brito.

PINHEL—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres

VIANNA DO CASTELLO—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho.

LAMEGO—Joaquim Valente.

CASTELLO NOVO (Beira Baixa) João Pereira dos Santos

BRAZIL

RIO DE JANEIRO—Centro de Publicações de Geonlorenzo; Celttins, Travessa do Ouvidor.

MANAUS—Agencia Freitas.

BELEM DO PARÁ—Centro de Publicações.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —
Albino Pinto de Miranda
LARGO DE MANUEL MARIA
AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor
— DE —
O POVO DE AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)
AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO